

NOTICIÁRIO

EDIÇÃO 508 | ANO 64 | OUT/NOV 2019

TORTUGA



ESTAÇÃO DE MONTA E AS SUPERPRECOCES

Como o planejamento nutricional pode contribuir para reduzir a idade das novilhas que serão usadas na estação de monta

Entrevista

Caio Penido, presidente do GTPS



Uma marca





Se tem Tortuga[®], tem futuro.

Se tem Tortuga[®], tem uma marca da DSM, empresa global com soluções locais. Tem qualidade, pesquisa, tecnologia e inovação. Tem presença com mais de 700 profissionais no campo, preparados e treinados. Tem a história e o legado de uma marca que, há 65 anos, é admirada por todos os pecuaristas, veterinários, consultores e gestores do agro.

Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.



PUBLICIDADE



Uma marca



ENTREVISTA | CAIO PENIDO
PRESIDENTE DO GTPS

08



CAPA

ESTAÇÃO DE MONTA:
O FUTURO COMEÇA AGORA

12

ECONOMIA & NEGÓCIOS

IMPACTOS DA PESTE SUÍNA AFRICANA
NO MERCADO DE PROTEÍNA ANIMAL

22



SUCESÃO & SUCESSO

UMA MULHER TECNOLÓGICA NA
ADMINISTRAÇÃO DOS NEGÓCIOS

32

NOSSA GENTE

PAIXÃO DE INFÂNCIA
COM TECNOLOGIA

52



SEGMENTOS

Confinamento	34	Gado de Leite	42
Gado de Corte	38	Equídeos	46

SEÇÕES

Cotações	07	Sucessão & Sucesso	32
Entrevista	08	Revenda & Cooperativas	50
Especial	20	Nossa Gente	52
Economia & Negócios	22	Túnel do Tempo	54
Inovação	28		



A IMPORTÂNCIA DA ESTAÇÃO DE MONTA

A qualidade da carne que chegará à mesa dos consumidores daqui a três anos depende das decisões dos pecuaristas na estação de monta que está começando agora. E a tendência de trabalhar com fêmeas cada vez mais precoces tem sido adotada por muitas fazendas em todo o País.

Esta é uma categoria que pode melhorar a rentabilidade da pecuária de corte, mas exige atenção redobrada para alcançar os resultados desejados. E, para ter sucesso no uso das superprecoces, segundo os nossos entrevistados da Reportagem de Capa, é preciso utilizar bastante tecnologia, tanto na parte nutricional quanto em genética, sanidade e inseminação.

O momento também é decisivo para os pecuaristas que optarem pelo confinamento. E, para ajudá-los nessa tomada de decisão, a DSM apresenta ao mercado a sua mais recente inovação: o aplicativo Mais Arroba. Desenvolvida em conjunto com o Cepea (ESALQ/USP), a ferramenta inédita permite fazer simulações reais do cenário atual e futuro, para que os criadores consigam visualizar a rentabilidade e melhorar a gestão da produção em sistemas de confinamento. A novidade foi anunciada durante o lançamento do Tour DSM de Confinamento 2019 e você pode conferir todos os detalhes no nosso Especial.

A nutrição também vem ajudando a elevar os índices de produtividade da pecuária leiteira, que está cada vez mais profissionalizada, com bons investimentos em tecnologias para intensificar a produção e a qualidade do leite. Como exemplo, na seção “Gado de Leite”, o case de sucesso da Cabanha Gema, que atua no Rio Grande do Sul tanto na produção de genética da raça Jersey quanto de leite. Também voltado à pecuária leiteira, lançamos a cartilha Caminhos do Leite, um material bastante didático com dicas para auxiliar os produtores a prevenir doenças no rebanho e aumentar a rentabilidade.

E nessa edição recheada de boas notícias, Caio Penido, presidente do GTPS e nosso entrevistado, fala que a pecuária brasileira tem tudo para ser a mais sustentável do planeta. E que a adoção de tecnologias, boa gestão, nutrição adequada e manejo correto do solo, além do cumprimento da legislação, são os principais fatores para o aumento da produtividade e da eficiência, contribuindo para a sustentabilidade do setor.

Boa leitura!

Ariel Maffi

Vice-Presidente Ruminantes Brasil



NOTICIÁRIO TORTUGA

O Noticiário Tortuga é um veículo de comunicação da DSM Produtos Nutricionais Brasil, publicado desde 1955 e de distribuição gratuita. O conteúdo e as opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da empresa.

DSM Produtos Nutricionais Brasil

Av. Juscelino Kubitschek, 1909 - São Paulo Corporate Towers
Torre Sul - 5ª andar - CEP 04543-907 - São Paulo/SP
E-mail: marketing-ruminantes.brasil@dsm.com
SAC 0800 11 6262 - www.noticiariortortuga.com.br

Conselho Editorial

Ariel Maffi
Juliano Sabella
Servio Tulio Ramalho Pinto
Tiago Sabella Acedo
Augusto Adami
Rodolfo Pereyra
Andreza Pujol
Monica Bueno
Fernanda Mendonça Rodrigues
Adriana Pineda
Aline Gomes
Carlos Alberto da Silva

Colaboraram nesta edição

Adolfo Fontes
Alessandra da Paz
Guilherme de Souza Vasconcellos
Pedro Bittencourt Trindade
Rafael Andrade
Rosendo Machado Lopes
Thiago Bernardino de Carvalho

 tortuga.com.br/blog

 facebook.com/tortugadsm

 instagram.com/tortuga.dsm

 youtube.com/TortugaDSM

Editor

Carlos Alberto da Silva | Mtb 20.330

Jornalista Responsável

Mylene Abud | Mtb 18.572

Reportagens

Mylene Abud | Mtb 18.572
Larissa Vieira | Mtb MG 09.513 P

Revisão

Mylene Abud

Projeto Gráfico, Diagramação e Edição de Arte

Gutche Alborgheti

Produção e Circulação

Tortuga, uma marca DSM

Fotos

Arquivo Tortuga, uma marca DSM
Arquivo Publique Banco de Imagens
Arquivo iStockPhoto
Seção Equídeos - Felipe Ulbrich

Impressão

Gráfica Araguaia

Tiragem

5 mil exemplares



Caixa Postal 85 - CEP 18260-000
Estrada Municipal Bairro dos Mirandas, s/n
Porangaba, SP - Brasil • (11) 3042.6312
www.publique.com • publique@publique.com



O NOTICIÁRIO TORTUGA TAMBÉM PODE SER LIDO ATRAVÉS DE APLICATIVO DISPONÍVEL PARA IOS E ANDROID.

CONFIRA TAMBÉM O NOTICIÁRIO TORTUGA NA VERSÃO ONLINE:
no site www.tortuga.com.br

4º TRIMESTRE 2018	out/18	nov/18	dez/18
Boi Gordo (R\$/@; estado de São Paulo)	149,04	147,01	151,15
Suínos (R\$/kg; estado de São Paulo)	3,81	3,90	3,92
Frango Congelado (R\$/kg; estado de São Paulo)	4,31	4,53	4,55
Ovos Branco (R\$/cx de 30 dúzias; média Bastos- SP)	60,19	63,05	63,75
Leite (R\$/litro - média Brasil)	1,44	1,36	1,23
Milho (R\$/saca de 60 kg; Campinas - SP)	36,43	36,56	37,83
Soja (R\$/saca de 60 kg; Paraná)	84,18	78,33	75,60


Média do dólar

nov/18
dez/18
jan/19
fev/19
mar/19
abr/19
mai/19
jun/19
jul/19
ago/19
set/19
out/19

US\$

3,79
3,88
3,74
3,72
3,84
3,90
4,00
3,86
3,78
4,02
4,12
4,08

1º TRIMESTRE 2019	jan/19	fev/19	mar/19
Boi Gordo (R\$/@; estado de São Paulo)	153,42	150,63	153,28
Suínos (R\$/kg; estado de São Paulo)	3,84	3,76	4,18
Frango Congelado (R\$/kg; Grande São Paulo)	4,37	4,30	4,43
Ovos Branco (R\$/cx de 30 dúzias; Grande São Paulo)	53,86	75,87	83,54
Leite (R\$/litro - média Brasil)	1,28	1,41	1,48
Milho (R\$/saca de 60 kg; Campinas - SP)	38,91	40,89	39,82
Soja (R\$/saca de 60 kg; Paraná)	72,02	72,78	73,02

2º TRIMESTRE 2019	abr/19	mai/19	jun/19
Boi Gordo (R\$/@; estado de São Paulo)	158,04	152,82	149,98
Suínos (R\$/kg; estado de São Paulo)	4,29	4,47	5,15
Frango Congelado (R\$/kg; Grande São Paulo)	4,65	4,83	4,74
Ovos Branco (R\$/cx de 30 dúzias; Grande São Paulo)	85,88	77,21	79,27
Leite (R\$/litro - média Brasil)	1,49	1,52	1,53
Milho (R\$/saca de 60 kg; Campinas - SP)	36,42	34,84	37,48
Soja (R\$/saca de 60 kg; Paraná)	71,78	72,91	76,26

3º TRIMESTRE 2018	jul/19	ago/19	set/19	out/19
Boi Gordo (R\$/@; estado de São Paulo)	153,42	154,41	158,31	162,94
Suínos (R\$/kg; estado de São Paulo)	5,17	4,42	4,61	5,18
Frango Congelado (R\$/kg; estado de São Paulo)	4,70	4,55	4,42	4,48
Ovos Branco (R\$/cx de 30 dúzias; média Bastos- SP)	76,24	78,50	80,15	80,95
Leite (R\$/litro - média Brasil)	1,41	1,35	1,37	1,4
Milho (R\$/saca de 60 kg; Campinas - SP)	36,4	37,0	37,6	41,5
Soja (R\$/saca de 60 kg; Paraná)	78,8	85,1	86,5	88,3

Fonte/Ano 2019:
<http://www.cepea.esalq.usp.br/boi/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/suino/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/frango/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/ovos/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/leite/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/milho/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/soja/>



SOMOS UMA POTÊNCIA AGROAMBIENTAL

PARA O PRESIDENTE DO GTPS, CAIO PENIDO, NOSSA FLORESTA É UM ESTOQUE DE CARBONO E DE BIODIVERSIDADE, ALÉM DE REGULADORA DO CLIMA MUNDIAL. E ISSO PRECISA SER VALORIZADO E PAGO!

Mylene Abud

“Com mais de 60% do território destinados à conservação, enorme biodiversidade, um Código Florestal moderno e conservacionista e praticando uma pecuária tropical e com potencial de baixas emissões, temos todas as condições para oferecer ao mundo nossa contribuição com uma pecuária sustentável, que leve em conta os limites dos sistemas naturais, para atender à crescente demanda dos mercados e o combate ao desmatamento ilegal”. A afirmação

é de Caio Penido Dalla Vecchia, presidente do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável – criado no final de 2007 e formalmente constituído em junho de 2009, com a missão de promover o desenvolvimento sustentável da pecuária por meio da articulação da cadeia, da melhoria contínua e da disseminação da informação, premissas essenciais para o momento atual. Em sua opinião, “cabe ao mundo premiar nossos bons exemplos de produção sustentável e pagar

pelos serviços ambientais prestados gratuitamente pelas propriedades particulares como estratégia de conservação”.

Graduado em Comunicação Social, produtor rural e membro do Conselho Administrativo do Grupo Roncador, complexo empresarial de sua família cujos negócios estão divididos em agricultura, pecuária e mineração, Caio Penido é responsável pela Liga do Araguaia, liderando projetos voltados à adoção de práticas de pecuária sustentável na região. “Através do trabalho na fazenda e junto aos projetos da Liga, pude perceber que só com a atuação integrada de toda a cadeia de produção da pecuária será possível avançar na direção de um modelo sustentável de produção e, principalmente, no acesso a mercados que reconheçam atributos de sustentabilidade somados aos de qualidade da carne (sabor, suculência e maciez), transformando nossa biodiversidade em valor e vantagem competitiva”, conta Penido, que também ocupa o cargo de Diretor do Instituto Mato-Grossense da Carne (IMAC) e faz parte do Comitê da Estratégia PCI.

Recentemente, integrou a comitiva de Mato Grosso do Sul presente na Semana do Clima, nos Estados Unidos e, sobre a imagem negativa do Brasil no exterior em relação às questões ambientais, ele é taxativo: “Só têm problema com desmatamento os países que ainda conservam suas florestas”.

Noticiário - Qual a sua principal missão à frente do GTPS?

Caio Penido - Assumi a presidência em 2018, tendo na comissão executiva dois grandes parceiros: o Leonardo Lima, da Arcos Dourados, e o Breno Felix, da Agrottools. Assumimos com a missão de desmistificar informações distorcidas, com o apoio técnico de colaboradores e associados do GTPS, e criar uma agenda positiva a todos os elos da cadeia que motive o pecuarista e as demais categorias a se engajarem na produção sustentável. Como produzir mais carne por hectare para atender ao aumento da demanda mundial por proteína animal? Como fazer essa intensificação de forma sustentável, com boas práticas e melhorando a pegada de carbono da pecuária? Quais as barreiras para a regularização ambiental e a adequação ao Código Florestal? Como estimular a conservação através da criação de valor financeiro na floresta viva? Quais os entraves para a implementação de um mercado de serviços ambientais/carbono mundiais, em que países e empresas responsáveis pelas maiores emissões mundiais de GEE (Gases de Efeito Estufa) possam neutralizá-las com nossa biodiversidade? Como conscientizar o consumidor urbano para que ele seja mais exigente e entenda que vive no país que detém a biodiversidade do mundo?

Noticiário - O que traz da sua experiência pessoal como pecuarista no Grupo Roncador e na Fazenda Água Viva para a gestão à frente do GTPS?

Caio Penido - Como pecuarista de gado de corte em minha propriedade na Fazenda Água Viva – Cocalinho/MT e sendo membro do Conselho de Administração do Grupo Roncador, tenho liderado, nos últimos anos, a Liga do Araguaia: um movimento pela adoção de práticas de pecuária sustentável na região do médio Vale do Araguaia/MT, que envolve atualmente mais de sessenta propriedades. Através do trabalho na fazenda e junto aos projetos da Liga, pude perceber que só com a atuação integrada de toda a cadeia de produção da pecuária será possível avançar na direção de um modelo sustentável de produção e, principalmente, no acesso a mercados que reconheçam atributos de sustentabilidade somados aos de qualidade da carne (sabor, suculência e maciez), transformando nossa biodiversidade em valor e vantagem competitiva. Percebi que o pecuarista brasileiro precisa gastar muito tempo e dinheiro para se dedicar a assuntos relacionados ao meio ambiente e deveríamos pensar em alguma forma de remuneração internacional para compensar esse alto custo ambiental. Além da obrigatoriedade de se imobilizar capital para adquirir floresta como condicionante para poder produzir, o produtor ainda tem um custo eterno de manutenção e adaptação a essa biodiversidade: regularização estadual, recuperação de APPs (Áreas de Preservação Permanente), onça que come os bezerros, segurança para vigiar as reservas, advogados etc... Isso não acontece em outros países produtores de carne, como os EUA e a Irlanda, que disputam os mercados internacionais conosco e onde o pecuarista está dedicado apenas à produção. Isso me parece uma concorrência muito desleal.

Noticiário - Como avalia o momento atual do País para o setor?

Caio Penido - Somos uma potência agroambiental. Com mais de 60% do território destinados à conservação, enorme biodiversidade, um Código Florestal moderno e conservacionista e praticando uma pecuária tropical e com potencial de baixas emissões. Uma vez que o mercado global entendeu isso, agora se pergunta: qual é o nosso plano para toda essa biodiversidade? Temos todas as condições para oferecer ao mundo nossa contribuição com uma pecuária sustentável, que leve em conta os limites dos sistemas naturais, modelos sustentáveis de produção para atender à crescente demanda dos mercados e combate ao desmatamento ilegal. Cabe ao mundo premiar nossos bons exemplos de produção sustentável e pagar pelos serviços ambientais prestados gratuitamente pelas propriedades particulares como estratégia de conservação.

...



Noticiário - Em setembro, o senhor participou da Semana do Clima, em Nova York (EUA). No exterior, o Brasil vem sendo acusado de não cuidar do meio ambiente. Como mudar essa imagem?

Caio Penido - Só têm problema com desmatamento os países que ainda conservam suas florestas. Percebi uma intenção internacional de boicotar os produtos brasileiros para forçar o agronegócio a pressionar o governo brasileiro nas práticas de conservação. Me pareceu estranho boicotar a maior potência ambiental do mundo, enquanto os que desmataram e são grandes emissores podem comercializar seus produtos com tranquilidade. Precisamos reforçar a comunicação positiva sobre as diversas ações sustentáveis do agronegócio. Um dos trabalhos atuais do GTPS está sendo atualizar o Mapa de Iniciativas em Pecuária Sustentável no Brasil. O objetivo é construir um banco de ações relevantes do setor, estruturar os projetos de maneira a possibilitar a divulgação e os investimentos e, ainda, garantir que sejam reconhecidos, replicados e que tenham continuidade. Uma vez mapeadas essas iniciativas com alto potencial de “prestadores de serviços ambientais”, precisaremos conectá-las com os potenciais compradores, criando esse novo mercado. Nossa floresta é estoque de carbono e de biodiversidade, além de reguladora do clima mundial, e isso deve ser valorizado e pago!

Noticiário - A pecuária ainda é vista como incompatível com a sustentabilidade?

Caio Penido - A visão de incompatibilidade vem de uma estratégia de comunicação que vinculou o desmatamento à pecuária, criminalizando o setor e polarizando o campo! Mas se analisarmos apenas o nosso modelo de pecuária e seus potenciais, a análise é bem diferente... Quando se fala em pecuária, o mundo logo pensa na pecuária praticada nos países temperados (EUA e Europa), com animais estabulados e com alta emissão de gases de efeito estufa (GEE). Ao contrário dessa situação, praticamos no Brasil uma pecuária tropical a pasto, com elevados níveis de remoção de GEE pelo solo na recuperação de nossas pastagens degradadas, em um ciclo virtuoso de neutralização das emissões entéricas de nossos bovinos. Modelos de Integração Lavoura-Pecuária e Lavoura-Pecuária-Floresta desenvolvidos no Brasil e em plena adoção são uma demonstração inquestionável de nossa capacidade de realizar uma pecuária sustentável. Outro trabalho importante do GTPS é a aplicação do GIPS - Guia de Indicadores de Pecuária Sustentável, que é uma ferramenta de autoavaliação com o objetivo de fornecer informações e orientações sobre a pecuária sustentável para o produtor. Através desse Guia e do esforço do pecuarista em busca de melhoria contínua, podemos demonstrar ao mundo que nossa pecuária tem tudo para ser a mais sustentável do planeta. Precisamos, apenas, desvinculá-la dos desmatamentos, intensificar as áreas degradadas aumentando a produtividade, cumprir o Código Florestal, melhorando, assim o seu balanço de carbono.

Noticiário - No Congresso Brasileiro do Agronegócio (ABAG) deste ano, várias autoridades do setor e a própria ministra Tereza Cristina afirmaram que o Agro precisa se comunicar melhor com a sociedade brasileira. O senhor, que além de pecuarista é formado em Comunicação Social, concorda?

Caio Penido - Essa é uma constatação antiga e de difícil superação, principalmente enquanto não apresentarmos um plano concreto para a nossa biodiversidade. No setor produtivo, o desafio passa pela comprovação de que nossos sistemas podem ser modernos, conservacionistas, sustentáveis e replicáveis para todo o País. Na minha opinião, precisamos inicialmente conscientizar a população brasileira de que os países desenvolvidos chegaram a essa posição de desenvolvidos suprimindo seus biomas, em um momento em que a biodiversidade não era valorizada. Graças a diversos fatores, o Brasil chegou a 2019 com essa condição única: é um dos maiores produtores de alimentos, capaz de atender à demanda mundial nas próximas décadas, e a maior potência ambiental do planeta. Chegou a hora de valorizarmos

essa biodiversidade conservada para que possamos nos desenvolver economicamente ganhando dinheiro com nossos produtos agrícolas e, também, com nossa produção de biodiversidade. O brasileiro comum, urbano e distante desse debate, precisa entender um pouco mais, se orgulhar dessa liderança, e só então poderemos convencer o resto do mundo!

Noticiário - Preservar é um bom negócio para o pecuarista?

Caio Penido - Sem dúvida, é um bom negócio para a produtividade da fazenda, além de ser bom para todos aqueles que são beneficiados pela preservação de nossos recursos naturais: biodiversidade, carbono e água. Mas o mundo não valoriza e não paga pelos serviços ambientais prestados por nossos biomas e, por isso mesmo, é urgente a rápida regulamentação dos chamados PSAs – Pagamentos por Serviços Ambientais, que reconhece isso através do pagamento pelos serviços ambientais prestados pelas florestas cuidadas pelo produtor rural. A possibilidade de sua implantação representa a justa compensação financeira àqueles que prestam tais serviços gratuitamente até hoje em benefício de toda sociedade. Assim, serão mais estimulados a manter as Reservas Legais e Áreas de Preservação em suas propriedades, adotando boas práticas agropecuárias e respeitando os limites naturais.

Noticiário - A produção de Carne Carbono Neutro (CCN) pode se tornar um diferencial competitivo em um futuro próximo.

Como o Brasil pode caminhar nessa direção?

Caio Penido - O Brasil, por ser um grande produtor de gado extensivo, tem possibilidade de sair na frente da produção de Carne Carbono Neutro. O protocolo CCN (Carne Carbono Neutro), desenvolvido pela Embrapa, voltado ao carbono presente no componente florestal da Integração LPF, somado ao CBC (Carne Baixo Carbono), voltado ao carbono removido pelas pastagens recuperadas, são duas importantes iniciativas para validar a capacidade de neutralização ou redução de emissões dos nossos modelos de produção. Sem uma validação e a posterior certificação desse atributo, realizadas por instituições independentes (terceira parte), não é possível torná-lo “tangível” e transformá-lo em valor financeiro. Este é o caminho que estamos trilhando, com o apoio da própria Embrapa e de outras instituições.

Noticiário - Como a adequada nutrição animal e as tecnologias a ela aplicadas podem contribuir para aumentar a produtividade, a eficiência e garantir a sustentabilidade?



Com a utilização da suplementação mineral, treinamento e tecnologia, o Brasil está abatendo seu rebanho cada vez mais cedo e, assim, reduzindo as emissões de GEE por quilo de carne produzida. Isso é sustentabilidade.



Caio Penido - Adoção de tecnologias, boa gestão, nutrição adequada e manejo correto do solo, além do cumprimento da legislação, são os principais fatores para o aumento da produtividade e da eficiência, contribuindo para a sustentabilidade do setor. Adiciona-se a isso os avanços no desenvolvimento de aditivos utilizados na alimentação animal com propriedade de reduzir as emissões de metano dos processos metabólicos dos ruminantes. Com a utilização da suplementação mineral, treinamento e tecnologia, o Brasil está abatendo seu rebanho cada vez mais cedo e, assim, reduzindo as emissões de GEE por quilo de carne produzida. Isso é sustentabilidade.

Noticiário - Quais são os planos do GTPS para o futuro? Como a entidade pretende trabalhar para a construção de uma pecuária sustentável, justa, ambientalmente correta e economicamente viável?

Caio Penido - Desde que foi criado, em 2009, o GTPS trabalha para a construção da pecuária sustentável. Os planos para o futuro são dar continuidade ao fortalecimento da cadeia de pecuária e do trabalho em conjunto com os seus elos para ampliar a percepção positiva do público interno e externo em relação à pecuária, além de trabalhar para continuarmos a ser referência para o setor tanto no Brasil quanto na América Latina, influenciando mesas locais e globais no desenvolvimento de ações para a pecuária sustentável.



ESTAÇÃO DE MONTA: O FUTURO COMEÇA AGORA

A QUALIDADE DA CARNE QUE CHEGARÁ À MESA DO CONSUMIDOR DAQUI A TRÊS ANOS DEPENDE DAS DECISÕES DOS PECUARISTAS NA ESTAÇÃO DE MONTA 2019/2020. O USO DE TECNOLOGIAS, COMO AS FÊMEAS SUPERPRECOSES E A IATF, PODE GARANTIR A EXCELÊNCIA DO PRODUTO FINAL E A VIABILIDADE ECONÔMICA DO NEGÓCIO.

Larissa Vieira





**Fêmeas da Fazenda
Jatobá prontas para a
estação de monta.**

Com as 11 mil novilhas e vacas Nelore selecionadas e prontas para a estação de monta 2019/2020, a Fazenda Jatobá, localizada no sudoeste do Mato Grosso do Sul, trabalha com um olho no presente e outro no futuro. A meta para os próximos quatro anos é reduzir a idade das fêmeas à primeira inseminação e encurtar bem a estação de monta. Essas duas medidas são apontadas pelos especialistas como a chave para elevar de forma significativa a rentabilidade da pecuária de corte.

Em uma simulação feita pelo Departamento de Zootecnia da ESALQ/USP, esse acréscimo girou entre 30% e 40% (variação ligada ao tipo de animal utilizado – Nelore ou cruzado) nas fazendas que realizaram uma estação de monta de três meses e utilizaram a IATF (Inseminação Artificial por Tempo Fixo) em 100% do rebanho. “Esse aumento vem em decorrência de alguns fatores que envolvem ganho genético e sanidade. Quando há maior número de fêmeas prenhas logo no início da estação de monta, os partos ocorrerão em uma época mais favorável para a saúde do bezerro, que é o período seco, e haverá uma queda significativa nos casos de mortes desses animais. Além disso, eles serão desmamados bem mais

pesados que aqueles que são gerados no final da estação de monta”, explica o professor do Departamento de Zootecnia da ESALQ/USP, Roberto Sartori Filho. Na balança, o ganho é grande. Um bezerro Nelore, fruto da primeira IATF, é 15 kg mais pesado que um oriundo de monta natural. Se for um bezerro F1, esse ganho é o dobro, ou seja, 30 kg a mais no peso do bezerro.

Seja em fazendas com grande produção, como a Jatobá, ou em propriedades menores, esses quilos a mais representam cifras relevantes para a saúde do negócio. Por isso, a tendência de trabalhar com fêmeas cada vez mais precoces na estação de monta tem sido adotada por muitas fazendas, com várias já utilizando as superprecoces, que são novilhas de 14 meses. “A cada ano, estamos reduzindo um pouco a idade das novilhas ao primeiro parto. Nesta estação, a média de idade das fêmeas está entre 20 e 22 meses, mas pretendemos baixar ainda mais e, nos próximos anos, chegar aos 18 meses durante a estação de monta”, explica Hélio Boszczowski, médico-veterinário que, há 26 anos, presta serviços para a Jatobá.

Atrelado à queda da idade, ele espera reduzir o período de duração da estação de monta. Hoje, são quatro meses e meio de trabalho. Já houve uma queda de 15 dias nas últimas estações, mas a meta é cair ainda mais, chegando aos 100 dias. Como fazer isso? “Investindo em tecnologia, genética e capacitação da equipe”, assegura Hélio. Há seis anos a IATF é utilizada em 100% das fêmeas da fazenda, e o touro de repasse só entra no final, para cobrir as vacas que permaneceram vazias após três protocolos de IATF.

A inseminação no primeiro protocolo é feita com sêmen de touros Nelore provados para precocidade, dentre outras características. Dessa bezerrada que nasce da primeira IATF, 30% das bezerras são destinadas à reposição de matrizes do rebanho, já que as mães comprovaram serem mais férteis. Nos outros dois protocolos, a Jatobá usa somente sêmen de touros Aberdeen Angus para garantir bezerros para seu rebanho comercial. Fechando, vem o repasse com os touros Nelore. “Setenta por cento dos nascimentos ocorrem até outubro. Queremos passar para 85% nos próximos anos”, informa o médico-veterinário.

A Jatobá também é produtora de genética Nelore, no estado do Paraná, com um rebanho premiado nas principais exposições da raça. O criatório, fundado pelo pecuarista Carlos Seara Muradás, hoje segue sob o comando da filha, Betina Muradás. “Trabalhamos para aprimorar a produtividade da pecuária no Brasil como um todo, pensando nas diferentes realidades do País, com o objetivo de imprimir mais precocidade à produção de carne através da genética”, destaca Betina.

ÍNDICES DE REPRODUÇÃO DO BRASIL

Apesar de o Brasil ser o maior produtor de carne do mundo e referência mundial em genética zebuína, fazendas que adotam a estação de monta e tecnologias de reprodução ainda não são a maioria. Muitas trabalham com baixos índices de fertilidade. Na média nacional, a primeira concepção da vaca acontece por volta dos três anos de idade, o que resulta em Idade ao Primeiro Parto (IPP) aos 4 anos. Comparando com as superprecoces, isso significa quase dois anos de prejuízos, acumulando gastos com a criação da fêmea e sem o retorno financeiro, ou seja, a produção de um bezerro por ano. “A falta de eficiência reprodutiva é o que mais prejudica a pecuária nacional. Temos anualmente 40 milhões de vacas vazias. É mais que todas as vacas vazias da Austrália, Argentina e do Uruguai juntas”, declara Ricardo Passos, diretor da Cria Fértil. Segundo ele, quando o produtor não faz a estação de monta e nem um balanço reprodutivo, é mais difícil identificar que o índice de vacas vazias no plantel está acima do aceitável. Muitos ainda retêm essas fêmeas para fazer a reposição do rebanho. “É o pior negócio. Vai produzir um bezerro com o dobro do valor da matriz que pare um bezerro por ano e não tem ganho adicional de produção de arrobas de crescimento, o que ocorre quando faz a reposição com novilhas jovens”, alerta Passos.

...

“
A cada ano, estamos reduzindo um pouco a idade das novilhas ao primeiro parto. Nesta estação, a média de idade das fêmeas está entre 20 e 22 meses, mas pretendemos baixar ainda mais e, nos próximos anos, chegar aos 18 meses.”

Hélio Boszczovski,
médico-veterinário que, há 26 anos,
presta serviços para a Fazenda Jatobá





Carlos Seara Muradás e sua filha Betina Muradás, proprietários da Fazenda Jatobá.

Essa situação leva ainda à ocupação desnecessária de áreas de pastagem. Segundo o professor do Departamento de Reprodução Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP, Pietro Baruselli, 70% da área de pecuária no Brasil são destinadas ao sistema de cria. “Quando se tem uma IPP em torno de quatro anos, a propriedade acaba ocupando 41% desses 70% de pastos só para a recria das novilhas. Se diminuir para os dois anos a IPP, a necessidade de terra reduz para 21%, porque não terá mais no rebanho novilhas de dois e três anos ainda sendo recriadas. É um índice extremamente importante para melhorar a eficiência da produção por hectare da pecuária de corte”, garante Baruselli.

VIRANDO O JOGO COM A ADOÇÃO DA ESTAÇÃO DE MONTA

Pela estatística do uso da IATF no País, percebe-se que já existe muito produtor fazendo todas essas contas e trabalhando para baixar a IPP. Em 2018, as vendas de protocolos para IATF cresceram 16,1% em relação a 2017. Foram comercializados 13.259.690 protocolos no ano passado. Esses dados são indicativos de que

86% das inseminações no Brasil foram realizadas por IATF, demonstrando a consolidação dessa tecnologia.

Além disso, o número de doses de sêmen das raças de corte vendidas em 2018 foi de 9.622.282, um crescimento de 19,2% na comparação com 2017, segundo dados da Associação Brasileira de Inseminação Artificial (ASBIA). A expectativa da entidade é superar esses números em 2019 já que, no primeiro semestre, houve elevação de 27,9%. Do total comercializado, 85% das doses de sêmen são usadas para IATF. Considerada a tecnologia voltada para reprodução mais moderna do momento, a IATF permite trabalhar as fêmeas mais cedo no pós-parto. Trinta dias depois do parto já é possível fazer o protocolo e inseminar com possibilidade de concepção de 50% a 60% na primeira concepção.

Para as fazendas que ainda não fazem parte desse grupo de investidores em genética, mas quer adotar a estação de monta, a dica é começar com um período um pouco mais longo. “No primeiro ano, pode-se adotar uma estação de monta de seis meses, depois, vai-se reduzindo um mês por ano, até chegar a uma estação de três meses”, orienta o professor Sartori Filho. Segundo ele, o aprimoramento dos protocolos de IATF aliado ao melhoramento genético e à nutrição adequada levará futuramente a um encurtamento maior da estação de monta. “Esperamos chegar a 42 dias de estação, com três protocolos de IATF. Isso beneficiará quem insemina com Nelore, pois a gestação da raça é mais longa, de 293 dias, restando

Rafael Augusto França, zootecnista e assistente técnico comercial da DSM.



pouco tempo para a vaca emprenhar depois que pariu. Se a estação de monta não for mais curta, as vacas que emprenham ao final desse período não estarão aptas a emprenhar novamente na próxima estação e produzir o bezerro do cedo [nascidos das vacas que emprenharam no início da estação de monta]”, explica Sartori Filho.

O bezerro do cedo é considerado um dos fatores que mais interfere no resultado de uma cria, podendo garantir uma arroba a mais do que o bezerro do tarde. Mas, para ter mais bezerras do cedo, dois fatores são importantes. Um deles é a nutrição, pois a fertilidade da fêmea está ligada ao peso. Como dizem, o cio entra pela boca. Por isso, a estação de monta deve ser realizada na época do ano com maior disponibilidade de forragem para as fêmeas, ou seja, no período mais chuvoso.

O peso ideal para as novilhas entrarem na estação de monta é de 300 kg. Para chegar a esse peso, pode-se oferecer uma suplementação. Na fazenda Jabotá, as fêmeas recebem o ano todo o suplemento mineral Fosbovi Reprodução. Elas ficam em pasto de braquiária e panicum e o sistema de Integração Lavoura-Pecuária garante pasto de qualidade o ano todo. “Assim que colhemos a soja, entramos com o pasto de inverno na área. Temos, também, o plantio de milho safrinha”, explica o médico-veterinário da Jatobá, acrescentando que, em anos atípicos em relação ao clima, como 2019, a nutrição foi reforçada no período mais seco com uma suplementação proteico-energética. As demais categorias do rebanho também são suplementadas de acordo com produtos específicos para as necessidades de cada uma.

O zootecnista e assistente técnico comercial da DSM, Rafael Augusto França, esclarece que é preciso ficar atento ao escore corporal das fêmeas no período da seca por conta da baixa oferta de pasto. A queda na condição corporal influencia diretamente o prolongamento do anestro pós-parto, atrasando a ciclicidade, sendo um entrave para o encurtamento da duração da mesma e prejudicando os resultados da taxa de prenhez. “Uma opção de manejo nutricional no inverno, para evitar a perda de peso desses animais que irão para a estação de monta, é o sistema de sequestro de vaca. O animal é retirado do pasto e recebe volumoso no cocho”, ensina França.

As primíparas são as mais suscetíveis à queda na condição corporal, caso não tenham suas necessidades nutricionais

supridas. A dieta para estes animais no pós-parto deve, além de atender aos requerimentos da manutenção e da primeira lactação, atender aos requisitos finais de crescimento.

ESTRATÉGIAS PARA AS FÊMEAS SUPERPRECOCES

Esta é uma categoria que pode melhorar a rentabilidade da pecuária de corte, mas exige atenção redobrada para alcançar o resultado desejado. A nutrição precisa ser diferenciada tanto quando estas entram pela primeira vez em uma estação de monta quanto no pós-parto. Segundo França, o protocolo nutricional deve começar quando elas são ainda bezerras. O Ganho Médio Diário (GMD) deve ser de 600 g/dia, do nascimento até a estação de monta. Para isso, é preciso ter pasto em quantidade e qualidade, fornecer creep feeding para as bezerras e, após a desmama, uma suplementação proteica tanto no período da seca quanto das águas, mantendo na fase de recria.

O professor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da UNESP Botucatu, José Luiz Moraes Vasconcelos, reforça que o peso no início do protocolo de indução nas superprecozes é o mais importante. “Esta é a categoria em que o escore é menos importante. Elas precisam ter o peso adequado para responder bem ao protocolo”, garante o professor Zequinha. ...

Roberto Sartori Filho, professor do Departamento de Zootecnia da ESALQ/USP.





Para ter sucesso no uso das superprecoces, o professor Pietro Baruselli reforça que é preciso utilizar bastante tecnologia, tanto na parte nutricional quanto na genética, sanidade e inseminação. Um cuidado necessário é aplicar IATF nas fêmeas mais jovens, pois, em decorrência da pouca idade, são mais difíceis de ciclar. “É preciso, também, utilizar protocolos adequados para esta categoria. Não pode ter excesso de progesterona porque são animais pequenos e que estão começando a se desenvolver”, orienta Pietro Baruselli, que trabalhou no desenvolvimento de um dispositivo intravaginal específico para as fêmeas superprecoces, pois o implante de tamanho normal causa desconforto a elas. Além disso, nas pesquisas de ingestão controlada, verificou-se que, quando colocava-se o dispositivo tradicional, havia uma diminuição da ingestão de alimentos. De tamanho menor, o dispositivo intravaginal para as superprecoces tem quantidades de hormônio inferiores ao modelo tradicional, permitindo melhores resultados de prenhez ao final da estação de monta.

Nesta categoria, reempregar é outro desafio. Como vai parir ainda muito jovem, aos dois anos, deve receber nutrição diferenciada, senão o esforço que o produtor fez para ter fêmeas superprecoces na estação de monta fica perdido.

Vale lembrar que a nutrição de uma novilha ou vaca prenhe afeta não só a fertilidade desses animais, mas todo o desenvolvimento futuro do bezerro. O embrião gerado por uma mãe mal nutrida pode ter comprometida a formação dos ovários ou dos testículos, da musculatura e da qualidade da carcaça na hora do abate.

As fêmeas superprecoces também necessitam de um bom manejo sanitário. Como elas não têm boa imunidade são mais suscetíveis às enfermidades e precisam ser vacinadas.

INVESTIMENTOS EM GENÉTICA PARA PRECOCIDADE

Na equação da pecuária, a genética tem um peso grande. Por isso, quem pretende reduzir a duração da estação de monta e trabalhar com fêmeas precoces, precisa buscar animais comprovadamente precoces. A precocidade é um componente genético de alta herdabilidade. Segundo o diretor da Cria Fértil, Ricardo Passos, no momento do acasalamento, deve-se priorizar touros com alta eficiência reprodutiva, bom desempenho de ganho de peso, habilidade materna e conversão alimentar. Para quem pretende trabalhar com fêmeas superprecoces, é necessário usar touros com DEP para prenhez aos 14 meses.

Para esta categoria, é preciso levar em conta a facilidade de parto, evitando inseminar as novilhotas com genética de touros que produzem bezerros grandes ao nascimento.

Passos orienta fazer um planejamento genético antes da estação de monta, levando em conta o objetivo da fazenda e as características de maior importância no impacto da produtividade do rebanho. Com base nessa definição preliminar, parte-se para o ranqueamento dos melhores touros para atender a cada rebanho. A Cria Fértil, por exemplo, utiliza um software para fazer essa etapa em cada fazenda assistida pela empresa.

Mesmo nas fazendas que ainda não estão preparadas para trabalhar com as superprecoces, Passos recomenda usar genética para precocidade. “O dia em que o produtor decidir adotar a superprecoce, já terá suporte genético. Enquanto isso, terá outros ganhos, como maior número de fêmeas aptas para serem usadas na estação de monta e aumento da taxa de prenhez. Adotar essa tecnologia exige um fluxo de caixa para aumentar o suporte nutricional e manter a suplementação da

desmama até a nova concepção como primípara, mas este é um investimento que vale a pena”, explica Passos. Ele lembra que a precocidade é uma meta a ser perseguida, mas não se pode abrir mão do desempenho animal. Afinal, é o ganho de peso que paga as contas.

Outra dica é planejar a estação de monta com antecedência. A prioridade é fazer a pesagem das novilhas de 24 meses em maio e definir o plano nutricional da recria. “No início da estação de monta, fazemos a pesagem e a avaliação de ciclicidade. Em seguida, definimos a relação entre o peso e a

ciclicidade”, informa Passos. Após estabelecer as metas de peso de entrada das novilhas em reprodução, é preciso fazer o plano nutricional para a recria dessas fêmeas no ano seguinte. Assim, é possível melhorar o resultado durante a própria estação. “Em uma estação de monta bem feita, com bom manejo nutricional, sanitário e genética, é possível incrementar em mais de 30% a produtividade da fazenda. As etapas de planejamento, execução do trabalho, coleta de dados e tomada de decisões de melhoria são fundamentais para fazer a gestão da reprodução, ter sucesso na cria e fazer deste segmento um excelente negócio”, assegura o diretor da Cria Fértil.



ESTAÇÃO DE MONTA PARA EQUINOS

É na época de maior luminosidade do ano, entre a primavera e o verão, que as éguas ciclam e estão aptas a entrar em estação de monta. Como a reprodução dos equinos está diretamente ligada ao número de horas de exposição à luz solar, esta é uma das primeiras medidas tomadas no preparo das fêmeas para a estação de monta. “É preciso iniciar o programa de luz 56 dias antes de 1º de agosto, data de início da estação de monta. As éguas devem ficar expostas à luminosidade por 16 horas todos os dias”, alerta o médico-veterinário Mário Duarte, que, desde a década de 1990, trabalha com equinos.

Como a época de nascimento nos equinos é 1º de julho e a gestação dura 11 meses, é preciso garantir que os animais comecem a ciclar em agosto. “Os nascimentos precisam ocorrer o mais perto possível de julho para que, quando o animal for competir, possa participar junto com os nascidos no mesmo ano”, explica.

Ao longo do verão, entre outubro e março, a égua terá vários cio e ovulará a cada 21 dias. O cio, período que aceita a presença do garanhão, dura em média de cinco a nove dias. Segundo Duarte, esse período mais longo de cio dificulta identificar o momento exato da ovulação, tornando a sincronização mais difícil do que nos bovinos.

A saída é utilizar a tecnologia para driblar essa questão fisiológica. Com o uso da ultrassonografia, verifica-se a

existência de folículo pré-ovulatório. Em caso positivo, aplica-se um hormônio para induzir a ovulação. Oitenta e cinco por cento das éguas ovulam no período de 30 a 36 horas após a aplicação.

A etapa seguinte é inseminar a égua. O sêmen refrigerado é utilizado em torno de 80% das inseminações, o que permite alcançar um maior índice de prenhez. A taxa varia entre 60% e 90%, dependendo do tipo de manejo adotado. Quando o sêmen é congelado, a eficiência é bastante variável, conforme o garanhão usado, sendo a média 40%, mas podendo chegar a 80%.

Depois da inseminação, entre 11 e 13 dias pós-ovulação, é feito o diagnóstico para detectar a prenhez. Se a égua estiver vazia, faz-se apalpação dia sim, dia não, para verificar se entrou no cio e inseminar novamente.

Assim como nos bovinos, a nutrição é muito importante para aumentar a fertilidade. A égua precisa ter um escore corporal entre 5,5 e 7, ou seja, nem magra, nem gorda. “Deve-se garantir um nível adequado de fósforo e uma relação cálcio/fósforo de 2:1. Também tem de estar mineralizada o ano todo e, no começo da estação de monta, mais ainda. Quanto maior a qualidade da fonte de mineral, melhores os resultados”, orienta Duarte. Segundo ele, a suplementação no inverno com sal mineral proteinado é recomendada, assim como suplemento mineral com quelatos nas águas.



DSM LANÇA A CARTILHA CAMINHOS DO LEITE

*MATERIAL DIDÁTICO TRAZ DICAS COM ILUSTRAÇÕES QUE AUXILIAM OS PRODUTORES
A PREVENIR DOENÇAS NO REBANHO E AUMENTAR A RENTABILIDADE*

Larissa Vieira

Detentora da marca Tortuga, a DSM aproveitou a Agroleite, considerada a vitrine tecnológica do setor no Brasil, realizada de 13 a 17/8, em Castro (PR), para lançar a cartilha Caminhos do Leite: um material didático e ilustrado, com informações importantes e dicas sobre a produção leiteira e a prevenção dos principais problemas que afetam o dia a dia da fazenda.

“A atividade leiteira demanda do produtor muito tempo e dedicação. Por envolver diferentes categorias de animais, cada qual com suas particularidades e necessidades específicas, em paralelo a um desafio crescente de aumentar a produtividade e a rentabilidade, a pecuária de leite mostra-se cada dia mais desafiadora e complexa. E para auxiliar o produtor a cumprir

algumas rotinas necessárias na fazenda, de forma prática e simples, desenvolvemos a cartilha, que traz recomendações básicas de saúde, manejo e nutrição para proporcionar o bem-estar animal e o aumento da produtividade”, explica Verônica Lopes, coordenadora da categoria Gado de Leite da DSM.

“Fizemos um trabalho bastante minucioso. Nossos técnicos de leite nos ajudaram a elaborar um conteúdo rico em detalhes, que conseguimos transformar em uma linguagem bastante acessível ao produtor. Ele poderá entender o processo como um todo: desde o nascimento do animal, passando pela fase de recria e lactação, até o período de transição”, conta Adriana Pineda, analista de Marketing Ruminantes Brasil.

“A produção de leite moderna é conduzida de modo a promover a sustentabilidade do negócio, o bem-estar animal e da sociedade, além da preservação do meio ambiente. Isso implica em cuidados para aumentar a eficiência alimentar, a precocidade, a saúde e a longevidade dos animais, e, claro, melhorar a qualidade do leite”, ressalta Felipe Leite de Andrade, Assistente Técnico Comercial DSM, que também participou da elaboração do material.

A cartilha Caminhos do Leite já está disponível aos produtores nos diversos canais de comunicação da DSM: redes sociais (Facebook e Instagram), e-mail, SAC e WhatsApp. “Estamos divulgando a cartilha em módulos, segmentados por fase animal. Após fazerem a solicitação em qualquer um dos nossos canais de comunicação, os produtores recebem uma cópia do material on-line e poderão acessá-lo a qualquer momento”, informa Verônica Lopes.

NUTRIÇÃO É ESSENCIAL

A cartilha Caminhos do Leite traz orientações para a criação de bezerras e novilhas, do nascimento ao desaleitamento, passando pela fase de recria, o período de transição e a lactação, mostrando que os principais desafios nesta etapa são relacionados à saúde e ao manejo dos animais. E que os investimentos feitos nessa fase, principalmente em alimentação, trazem retorno significativo quanto à redução da idade à primeira cobertura e ao primeiro parto, além do aumento da produção de leite nas lactações futuras.

A nutrição adequada das vacas está intimamente relacionada aos resultados produtivos, reprodutivos, sanitários e à composição do principal produto da atividade, que é o leite. Evita, ainda, problemas como mastite, doença dos cascos, cetose e hipocalcemia, dentre outros.

A cartilha explica que, no período de transição, considerado o mais crítico na vida das vacas leiteiras devido às alterações fisiológicas e metabólicas, o manejo e a nutrição adequada também podem contribuir para a redução dos descartes. Já na fase de cria, o material dá dicas sobre a cura do umbigo, os cuidados com o pós-parto e a colostragem. Em relação ao período de aleitamento, traz recomendações que envolvem o oferecimento de seis litros diários de leite divididos em, ao menos, duas vezes ao dia, além de água limpa e concentrado especial para bezerras, com suplementação vitamínica e mineral; e sobre o desaleitamento, quando os níveis adequados de vitaminas e dos microminerais Tortuga melhoram a saúde dos animais e proporcionam o desenvolvimento adequado.

“As tecnologias inovadoras presentes nos suplementos nutricionais Tortuga suportam essas melhorias e contribuem para a geração de valor e desenvolvimento da cadeia do leite, do produtor ao consumidor final, da alimentação das vacas ao leite, que é um alimento riquíssimo”, acrescenta Felipe Leite de Andrade, Assistente Técnico Comercial DSM.

Ele explica que a nutrição animal de boa qualidade e fazendas de leite rentáveis buscam constantes evoluções e soluções. E que essas são justamente as propostas da linha Bovigold® para bovinos de leite, formada por produtos com tecnologias desenvolvidas para atender a todos os níveis de produtividade e às diferentes fases de vida dos animais. A linha oferece uma série de benefícios, tanto para os animais como para os produtores, ao combinar aditivos exclusivos, como CRINA®, RumiStar™ e Metionina Protegida, aos Minerais Tortuga e vitaminas. Além disso, os suplementos Bovigold® geram resultados positivos em diferentes sistemas de criação.





IMPACTOS DA PESTE SUÍNA AFRICANA NO MERCADO DE PROTEÍNA ANIMAL

Adolfo Fontes

Gerente Regional de Inteligência de Negócios da DSM América Latina

Com o forte impacto causado na produção de carne suína na China, a Peste Suína Africana (PSA) passou a ser um dos tópicos mais discutidos globalmente pela cadeia de proteína animal. Mesmo considerando a dificuldade de prever a movimentação do vírus na Ásia e em outras regiões – assim

como também ainda não está claro o momento em que haverá o desenvolvimento de métodos de fato eficazes de combate ao vírus –, podemos analisar alguns aspectos que trazem como consequência oportunidades para as exportações brasileiras de carnes. Claro, desde que o País se mantenha livre do vírus.



A IMPORTÂNCIA DA CHINA NA PRODUÇÃO DE CARNE SUÍNA E OS IMPACTOS GLOBAIS

De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o mundo produziu cerca de 113 milhões de toneladas de carne suína em 2018. Quase a metade dessa quantidade (54,2 milhões de toneladas) foi produzida pela China – mais que o dobro da produção da União Europeia e quase 15 vezes mais que a produção do Brasil, que é o 4º maior produtor de carne suína do mundo (veja figura 1). No âmbito internacional, também de acordo com o USDA, no ano passado, foram comercializadas mais de oito milhões de toneladas de carne suína entre países, sendo a China o maior importador.

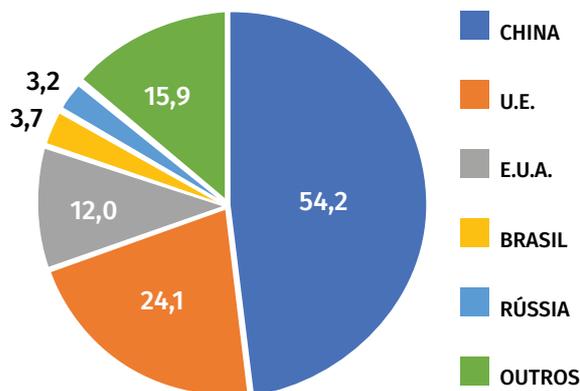
A relevância desse país na produção mundial de carne suína explica o motivo de tanta preocupação com a situação atual em relação à PSA no sudeste asiático. Assim, o caso já é considerado o driver mais relevante na precificação mundial de carnes, principalmente em países exportadores e importadores.

O primeiro surto de PSA da atual crise na China foi reportado em agosto de 2018. Desde então, o número de casos só aumentou e o vírus se espalhou também por outros países asiáticos produtores de carne suína, como o Vietnã e a Coreia do Sul. No final de setembro, a China tinha contabilizado

oficialmente 158 surtos de PSA em 32 províncias. A extensão dos impactos ainda é difícil de calcular, mas projeções têm indicado queda de cerca de 25% da produção na China (quase 15 milhões de t) em 2019 e, provavelmente, mais 10% a 15% em 2020 (veja figura 2).

Apesar de casos já reportados na Bélgica, a situação no momento se mostra sob controle no oeste europeu. De toda forma, vale destacar que a situação não está controlada em países do leste europeu. Assim, apesar de atualmente ser considerada de baixa probabilidade, a eventual chegada do vírus em países como Alemanha e França teria o potencial de impactar brutalmente o comércio internacional de carnes. ...

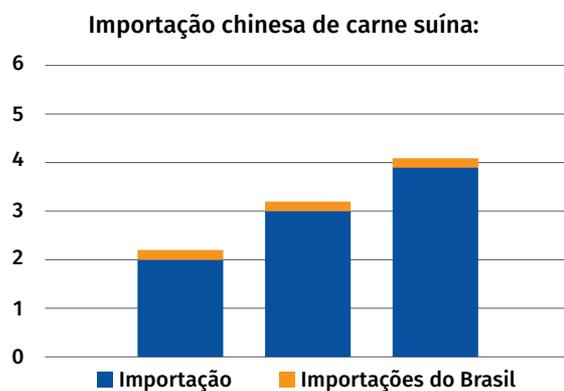
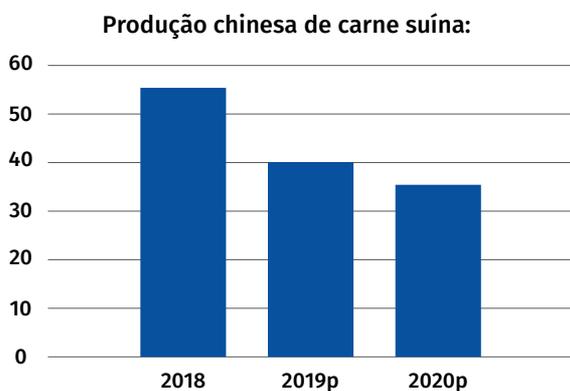
Figura 01 - Produção mundial de carne suína em 2018 (milhões de t)



Fonte: USDA



Figura 2 - Projeções para a produção e a importação de carne suína pela China (milhões de t)



Fonte: Rabobank (Setembro 2019)

IMPACTOS POSITIVOS PARA O BRASIL

Como resultado da queda na oferta global, as exportações brasileiras de carne suína devem crescer acima de 20% em 2019 e 2020. A China vem sendo o principal destino da carne suína brasileira em 2019, com 157,5 mil toneladas exportadas (acumulado de janeiro a setembro), aumento de 33% em relação ao mesmo período do ano passado. No entanto, o Brasil ainda é um player pequeno no total importado pela China, conforme ilustrado na figura 2.

Também é importante destacar que, como a demanda chinesa supera a atual oferta de carne suína no mercado internacional, a China tem aumentado as compras de outras carnes para, assim, substituir parcialmente o gap de carne suína. Dessa forma, o maior apetite chinês por carnes no mercado internacional tem alterado o patamar de preços globalmente.

Como consequência, com o aumento das exportações brasileiras, os preços no mercado local também têm registrado

altas relevantes. Em setembro deste ano, o preço médio da carne suína (carcaça especial) estava 20% acima do valor registrado em setembro de 2018. Assim, com margens mais positivas, a expectativa é de aumento da produção da carne suína brasileira em até 6% em 2019, de acordo com projeções realizadas pelo USDA. No entanto, observa-se que projeções no mercado têm variado entre 2% e 6%. Já para 2020, há consenso sobre um ambiente mais positivo e a expectativa é de incremento de até 5% na produção de carne suína no Brasil (veja figura 3).

É importante mencionar que os preços da carne suína na China têm registrado níveis recordes nas últimas semanas. Com isso, o governo chinês vem intervindo para conter avanços ainda maiores, com a venda de suas reservas de carne congelada, o que evidencia a necessidade de a China importar ainda mais carne suína (e outras) em 2020.

O patamar e a duração da crise, no entanto, ainda não estão claros. Além da carne suína, a China também tem aumentado a importação de outras carnes do Brasil. As exportações de carne de frango para a China, por exemplo, cresceram 21% entre janeiro e setembro de 2019, em relação ao mesmo período de 2018. Na mesma comparação, as exportações de carne bovina cresceram 11% para a China e as de carne suína, 33%. Considerando a capacidade e a velocidade de ajuste, além da estrutura de mercado, a cadeia da carne de frango deve ser a maior beneficiada pela oportunidade no Brasil.

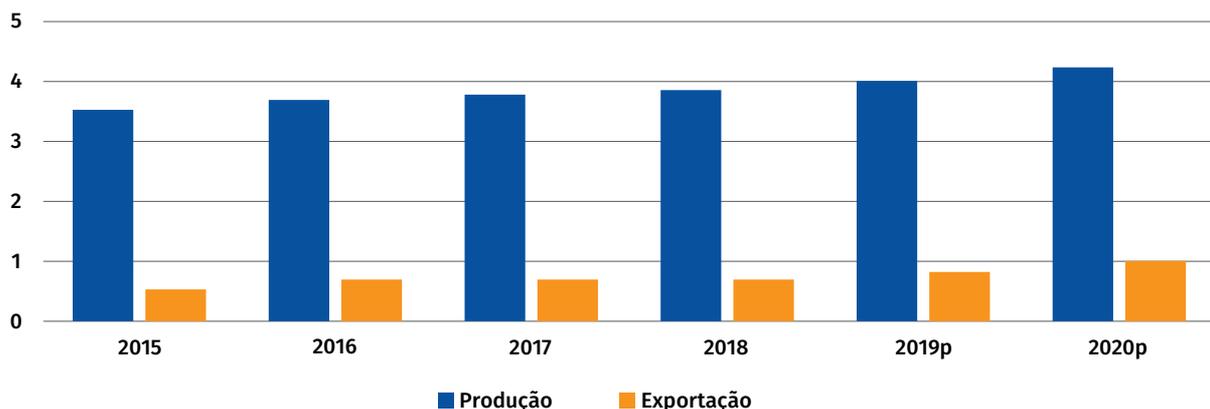
Como ponto de atenção, há o risco do aumento da capacidade de produção como resposta a um evento pontual, que pode não representar uma situação estrutural de mercado em longo prazo. Além disso, existem projetos concretos de profissionalização da indústria de carne suína na China, que tem como objetivo em longo prazo diminuir a necessidade de importação.

Outra fonte de incertezas é a guerra comercial entre a China e os Estados Unidos. Recentes conversas divulgadas entre os dois países mostram que, ao menos para a carne suína, a China deve ceder nas tarifas comerciais para aumentar a sua capacidade de importação e, assim, ter mais fontes para minimizar a falta de oferta de proteína animal no país.

De toda forma, vale ressaltar que ainda não há uma solução para conter o vírus de maneira eficiente, o que pode estender o impacto na produção global e aumentar as oportunidades de exportação de carnes para países afetados pela PSA. Além disso, o Brasil, como um dos maiores produtores de grãos e carnes do mundo, também se destaca como um dos mais competitivos na produção de proteína animal, o que traz vantagens comparativas em um mercado globalizado.

Assim, fica evidente que a crise causada pela PSA trará oportunidades em curto prazo para países produtores não afetados pelo vírus.

Figura 3 - Projeções para a produção e a exportação de carne suína do Brasil (milhões de t)



Fonte: USDA, Secex, Rabobank



CEPEA: OFERTA REDUZIDA E DEMANDA FIRME IMPULSIONAM VALORES DA REPOSIÇÃO

Thiago Bernardino de Carvalho

Pesquisador da Equipe de Pecuária do Cepea

Alessandra da Paz

Gestora da Equipe de Comunicação do Cepea

Os preços de animais para reposição – bezerro e boi magro – vêm registrando consistente movimento de alta em 2019. O impulso vem da restrição de oferta de animais ao longo deste ano, o que, por sua vez, pode estar atrelada ao crescente volume de fêmeas (novilhas e vacas) abatidas no País nos últimos trimestres. Além disso, a demanda brasileira por animais para abate está firme, tendo em vista o bom desempenho das exportações.

E essa aquecida procura por boi gordo para abate, conseqüentemente, aumenta a demanda por novos lotes de reposição, cenário que tem se intensificado nestes últimos meses, devido aos maiores volumes de animais em confinamento.

Outro motivo que tem elevado a demanda por animais de reposição é o patamar de preço apontado no mercado futuro de boi gordo na B3. Para o início de 2020, os contratos têm sido ajustados na Bolsa na casa dos R\$ 172,00, acima do físico atual, que está por volta de R\$ 160,00. O contrato Outubro/20, por sua vez, é negociado na casa dos R\$ 178,00.

De acordo com dados do Cepea, no estado de São Paulo, o boi magro foi negociado em setembro por volta de R\$ 2.100,00/cabeça, o que representa valorização de 11,3% frente à média de janeiro deste ano, em termos reais – os valores foram deflacionados pelo IGP-DI de agosto/19. Colaboradores consultados pelo Cepea chegaram a relatar dificuldades na compra de novos lotes de boi magro.

Essa alta no preço do boi magro de janeiro a setembro, inclusive, é a maior para esse período desde 2014, quando a valorização chegou a quase 20%. Vale lembrar que, naquele ano, uma forte seca atingiu o Brasil e, como resultado, elevou com força os preços do setor pecuário. Para o bezerro, a cotação média de setembro, também no estado de São Paulo, está próxima de R\$ 1.400,00, alta real de 3,9% em relação à verificada em janeiro.

Médias nominais da arroba e da carne são as maiores das séries. Enquanto a oferta de animais para abate segue restrita, as exportações brasileiras de carne bovina in natura continuam aquecidas. Esse cenário, por sua vez, tem reduzido a disponibilidade doméstica de carne e elevado a demanda por novos lotes de animais

para abate, o que, por sua vez, mantém firme os preços domésticos da arroba do boi gordo e, conseqüentemente, da carcaça negociada no mercado atacadista.

Nesse cenário, em setembro, os valores médios mensais da arroba do boi gordo e da carcaça casada, ambos em São Paulo, foram os maiores das séries históricas do Cepea, em termos nominais.

A média do boi gordo (Indicador ESALQ/B3, à vista, mercado paulista) foi de R\$ 158,31 em setembro, a maior nominal da série histórica do Cepea, iniciada em 1994. No entanto, em termos reais, ou seja, considerando-se a inflação do período, a média de setembro é a maior desde março de 2018 (que foi de R\$ 159,00) e está bem abaixo do recorde, de R\$ 189,89, verificado em abril de 2015 (as médias foram deflacionadas pelo IGP-DI de agosto/19). A média de setembro do boi gordo superou em 2,53% a de agosto e em 3,22% a de setembro do ano passado, em termos reais.

Quanto à carne negociada no mercado atacadista da Grande São Paulo, a média de setembro da carcaça casada do boi foi de R\$ 10,73/kg, também a maior, em termos nominais, da série do Cepea (neste caso, iniciada em 2001). Já em termos reais, a média de setembro é a mais elevada desde março deste ano (de R\$ 10,75/kg) e está bem abaixo do recorde, de R\$ 12,15/kg, também observado em abril de 2015. A média de setembro da carcaça casada do boi registra altas de 2,1% frente ao mês anterior e de 4,1% em relação à de setembro do ano passado, também em termos reais.

De forma inédita, volume se mantém acima de 100 mil toneladas por 15 meses – Apesar do pequeno recuo observado frente a agosto, o volume de proteína embarcado pelo Brasil em setembro se manteve acima das 100 mil toneladas pelo 15º mês consecutivo, desempenho inédito para a pecuária nacional, de acordo com dados da Secex. A última vez que a quantidade se manteve acima desse patamar por tantos meses seguidos foi entre maio de 2006 e junho de 2007, somando 14 meses consecutivos. Em setembro, foram embarcadas 123,72 mil toneladas de carne in natura, quedas de 2,2% frente ao mês anterior e de 17,88% em relação a setembro do ano passado, quando, vale lembrar, o volume exportado atingiu recorde, somando 150,66 mil toneladas, de acordo com a Secex. ●



SUPLEMENTAÇÃO ESTRATÉGICA ANTECIPA A PUBERDADE DE FÊMEAS

Guilherme de Souza Vasconcellos

Coordenador de Inovação e Ciência Aplicada para Ruminantes - DSM

A pecuária nacional ocupa posição de destaque no cenário global, consolidando-se como a segunda maior produtora e a maior exportadora de carne do mundo (Abiec, 2018). Das 194 milhões de cabeças registradas em 2018, cerca de 80 milhões são fêmeas em idade reprodutiva e 53 milhões são bezerros lactentes (Anualpec, 2019). Desta forma, garantir o desempenho reprodutivo das fêmeas é decisivo para promover a oferta de novos animais para o ciclo produtivo e atingir uma ótima rentabilidade na bovinocultura de corte.

Neste cenário, a produção em pastagens é a base da alimentação para 90% dos animais, sendo o pasto a principal e mais econômica fonte de nutrientes. Entretanto, somente a forragem não é suficiente, pois não contém todos os nutrientes essenciais nas quantidades adequadas para atender integralmente às exigências de animais em pastejo. Isso ocorre porque a disponibilidade e a qualidade da pastagem apresenta estacionalidade, com a produção da forragem concentrada no período chuvoso e prejudicada na seca.

Assim, um dos principais desafios é acelerar o início da puberdade de novilhas *Bos indicus* em pastejo, uma vez que estas são desmamadas ao início do período seco e, por este motivo, podem apresentar baixos ganhos diários de peso vivo durante a recria. Este fator prejudica o início de sua primeira gestação e aumenta o tempo necessário para a ocorrência do primeiro parto. Segundo Paulino et al. (2017), para que o acasalamento de fêmeas com quatorze a quinze meses de idade seja viabilizado e o primeiro parto ocorra com 23-24 meses, o manejo nutricional nos pós-desmame deve possibilitar crescimento contínuo durante a recria, com ganhos em torno de 650g/animal/dia. Portanto, adotar estratégias nutricionais adequadas para fêmeas em recria é de suma importância para o estabelecimento da puberdade.

Alguns trabalhos na literatura mostram que vacas com primeiro parto aos 24 meses apresentam 0,5 a 0,8 mais bezerros durante toda a sua vida produtiva, quando comparadas às novilhas que pariram somente aos 36 meses de idade (Eler et al., 2010). A puberdade fisiológica, por definição, ocorre com o aumento na concentração e na frequência dos pulsos de hormônio luteinizante (LH) e diminuição da sensibilidade ao feedback negativo de hormônios esteroides, permitindo a ocorrência da primeira ovulação, formação do corpo lúteo e síntese de progesterona, hormônio necessário para manutenção da gestação.

“
Garantir o desempenho reprodutivo das fêmeas é decisivo para promover a oferta de novos animais para o ciclo produtivo e atingir uma ótima rentabilidade na bovinocultura de corte.
”

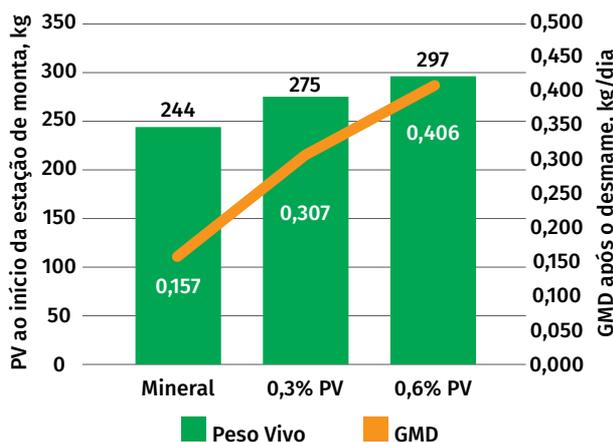
Contudo, a puberdade zootécnica também precisa ser considerada nos programas de intensificação, pois será determinante para que as fêmeas consigam levar a gestação à termo. O momento ideal para que uma fêmea bovina entre em reprodução é ao atingir 65%-70% do peso adulto, pois, neste momento, o requerimento energético para crescimento e desenvolvimento diminui, e o excedente de energia passa a suprir a gestação e a lactação. Estudos mostram que maiores taxas de puberdade e prenhez foram obtidas quando novilhas *Bos indicus* atingiram 72,2% do peso vivo adulto ao início da sua primeira estação de monta, comparadas às que tinham apenas 64% do peso adulto (Moriel et al., 2014).

A suplementação estratégica é uma excelente ferramenta e deve ser adotada para promover aumento no ganho de peso diário em fêmeas pós-desmame e, conseqüentemente, a chegada à puberdade zootécnica. Em estudo realizado por Silva et al. (2017), fêmeas Nelore, recebendo suplementos com

...

25% PB a uma oferta de 0,3% PV ou 0,6% PV, apresentaram aumento no consumo de proteína, matéria orgânica e energia quando comparadas às fêmeas suplementadas apenas com mistura mineral. Este fato permitiu um maior ganho médio diário (GMD) para fêmeas suplementadas a 0,6% e 0,3% PV, com ganhos de 407 e 306 g/dia, respectivamente. Já fêmeas suplementadas somente com mineral durante a recria apresentaram GMD de 157 g/dia, sendo inferior aos demais grupos. Com isso, o peso ao início da estação de monta seguiu o mesmo comportamento, sendo 297, 275 e 244 kg, respectivamente (P<0,01; Figura 1). Fêmeas do grupo de suplementação estratégica apresentaram maiores folículos dominantes, indicando um melhor preparo do sistema reprodutor para o início da primeira gestação.

Figura 1 - Peso Vivo e Ganho Médio Diário (GMD) de novilhas Nelore recebendo diferentes estratégias de suplementação durante o período pós-desmame:



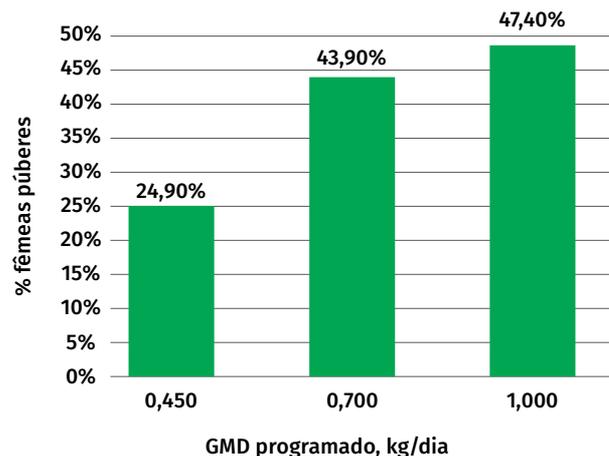
Estudos também comprovaram os efeitos positivos da suplementação estratégica nas taxas de prenhez de novilhas Nelore. Almeida et al. (2019) avaliaram fêmeas recebendo diferentes tipos de suplementação por 180 dias após a desmama, nos períodos de seca e transição seca-águas. As novilhas que receberam suplementação estratégica na recria (ofertada a 0,4% ou 0,6% PV) apresentaram maior taxa de prenhez geral ao término da sua primeira estação de monta, enquanto as que receberam apenas mineral não tiveram nenhuma prenhez confirmada (46,7% vs. 0,0%). Além disso, o GMD também foi menor nas novilhas recebendo somente suplemento mineral

na recria, o que pode ter causado um atraso na elevação e na frequência dos picos de LH e, conseqüentemente, na ovulação, formação do corpo lúteo e puberdade.

Outro grande benefício em promover a intensificação da recria para a antecipação da puberdade está na qualidade dos bezeros produzidos no ano seguinte. Segundo Cushman et al. (2013), novilhas prenhes ao início da sua primeira estação de monta apresentam maior longevidade no rebanho. As novilhas suplementadas na recria tiveram maiores taxas de prenhez nas seis estações de monta seguintes, enquanto seus bezeros apresentaram maior peso à desmama, em comparação às novilhas que receberam apenas mineral.

Em trabalho realizado por Moriel e colaboradores (2018), “três taxas de GMD foram utilizadas durante a recria para testar seus efeitos na puberdade de novilhas Angus x Brahman (Baixo-0,450; Médio-0,730 e Alto-1,000 kg/dia). Segundo os autores, aproximadamente 24,9%, 43,9% e 47,4% das novilhas com baixo, médio e alto GMD, respectivamente, atingiram a puberdade ao início da primeira estação reprodutiva (Figura 2). Ainda, as novilhas de médio e alto GMD apresentaram maior concentração de partos no início da estação de parição, enquanto as fêmeas recebendo suplementação para baixo GMD tiveram seus partos mais tardios.

Figura 2 - Percentagem de novilhas púberes ao início da estação de monta de acordo com o ganho médio diário (GMD) programado na recria:



Estes resultados comprovam que a suplementação estratégica é uma excelente ferramenta para antecipar a puberdade de novilhas, permitindo um incremento no número de bezeros dentro da propriedade e a redução no tempo necessário para o primeiro parto. A Tortuga, uma marca DSM, conta com soluções inovadoras que garantem a fertilidade das fêmeas e aumentam a lucratividade dos rebanhos de cria, tornando a pecuária nacional mais competitiva e sustentável.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA et al., 2018. Nutritional planning for Nellore heifers post-weaning to conception at 15 months of age: performance and nutritional, metabolic, and reproductive responses. *Trop Animal Health Pro*, v. 51, p. 79-87.

CUSHMAN et al., 2013. Heifer calving date positively influences calf weaning weights through six parturitions. *J Anim Sci*, v.91, p. 4486-4491.

MORIEL et al., 2018. Effects of post-weaning growth rate and puberty induction protocol on reproductive performance of *Bos indicus*-influenced beef heifers. *J Anim Sci*, v. 95, p. 3523-3531.

PAULINO et al., 2017. Recentes avanços em estratégias de suplementação de bovinos de corte em pasto. In.: SIMPÓSIO MATO-GROSSENSE DE BOVINOCULTURA DE CORTE, 4, Cuiabá, 2017. Anais... Cuiabá: SIMBOV, 2017.

“

A suplementação estratégica é uma excelente ferramenta e deve ser adotada para promover aumento no ganho de peso diário em fêmeas pós-desmame e, conseqüentemente, a chegada à puberdade zootécnica.

”

SILVA et al., 2017. Performance, endocrine, metabolic, and reproductive responses of Nellore heifers submitted to different supplementation levels pre- and post-weaning. *Tropical Animal Health and Production*, v. 49, p. 707-715.





Franciele Terezinha da Rocha Domingos Munhoz, administradora da Fazenda Lageado em Platina/SP.

UMA MULHER TECNOLÓGICA NA ADMINISTRAÇÃO DOS NEGÓCIOS

A TECNÓLOGA PAULISTA FRANCIELE VIU NO AGRO UMA OPORTUNIDADE DE USAR SEUS CONHECIMENTOS EM TI PARA OTIMIZAR O NEGÓCIO DA FAMÍLIA. O FATO DE SER MULHER PODE ATÉ TER PESADO NO INÍCIO, MAS ELA CONQUISTOU A CONFIANÇA DO PAI E, HOJE, AS DUAS GERAÇÕES CONVIVEM EM HARMONIA NA GESTÃO DA EMPRESA

Larissa Vieira

No confinamento da Fazenda Lageado, em Platina/SP, acompanhar diariamente o consumo de ração dos animais pode deixar, em breve, de ser um trabalho manual. A administradora da propriedade, Franciele Terezinha da Rocha Domingos Munhoz, já estuda a possibilidade de implantar a leitura automática por câmera. “A tecnologia será muito importante para mantermos um bom ganho de peso dos animais confinados, pois permite a leitura do cocho em qualquer horário, evitando que o gado fique sem comida em

períodos do dia em que a equipe não trabalha, como a noite, por exemplo”, destaca Franciele, sempre com um olho no gado e outro nas inovações que surgem para o setor.

Também não é para menos. Ela carrega em seu “DNA” profissional a formação como Tecnóloga em Processamento de Dados, uma pós-graduação em Desenvolvimento de Software para Web e a atuação em várias empresas. Mas, há alguns anos, o “DNA” agro falou mais alto e ela decidiu

trocar a cidade pelo campo. Sugeriu ao pai, o produtor José Domingos de Lima, integrar a equipe de trabalho da Lageado, uma empresa familiar que atua na pecuária de corte e de leite e na agricultura. “Ele aceitou, mas condicionou minha atuação a apenas dois dias por semana e só na parte de pecuária. Comecei no controle do consumo de alimento do gado e da medicação”, lembra Franciele.

Na época, o confinamento já trabalhava com balança automatizada para pesar a ração, mas o equipamento não era utilizado da forma correta. Franciele identificou o problema e mostrou à equipe todos os recursos e como usá-los. “A tecnologia é um caminho sem volta. Queremos agregar cada dia mais inovações na fazenda”, diz.

Com os resultados do trabalho aparecendo, a administradora conquistou a confiança do pai e passou a trabalhar todos os dias, atuando também no setor financeiro, na parte de compras e controle de alimentação. Tempos depois, novas responsabilidades surgiram e a parte administrativa da agricultura também ficou a cargo de Franciele.

Ela é a terceira geração à frente do negócio. Tudo começou com o avô Armelindo Domingos, na década de 1960, que trabalhava com a engorda de animais. Os dois filhos, José, pai de Franciele, e Eliseu assumiram posteriormente a gestão do negócio, ampliando a atuação em outros segmentos do agro. Enquanto José é responsável pela compra e venda do gado do confinamento, Eliseu comanda a agricultura juntamente com a pecuária leiteira.

Parte da terceira geração dos Domingos de Lima já atua no negócio com Franciele. O primo, Augusto, é responsável pela parte operacional de pesagem, vacinação e ronda do confinamento. Ele trabalha em conjunto com Paulo César Silvério, genro de José. O patriarca Armelindo faleceu recentemente, aos 92 anos de idade, mas, mesmo com a idade avançada, gostava de auxiliar os filhos, dando conselhos sobre os negócios.

Entre as três gerações, o interesse por inovação e a paixão pelo agro são pontos em comum. A agricultura implantada pela segunda geração é desenvolvida em sistema de Integração Lavoura-Pecuária (ILP). O milho é plantado junto com o capim. Quando o grão é colhido, o gado entra na área

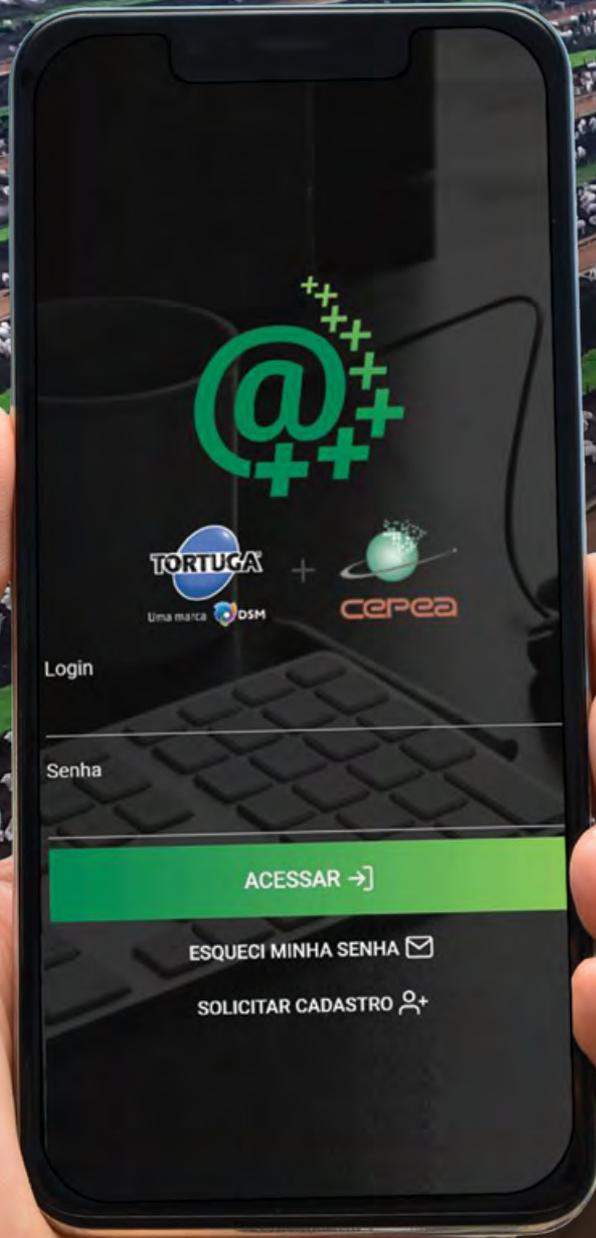
com o capim já desenvolvido. Na sequência, dessecam o capim para plantar a soja.

Os animais de recria que ficam nesse sistema de ILP ainda recebem suplementação Fosbovi 20 para pasto. Quando chegam à fase de engorda, seguem para o confinamento, cuja capacidade é para quatro mil animais. Além da ração, recebem Fosbovi Confinamento. Por lá, ficam até atingirem o peso de abate, entre 480 kg e 560kg, em, no máximo, dois anos. A Lageado fornece gado para um frigorífico que atende tanto ao mercado externo quanto interno. “Nosso objetivo é produzir uma carne de qualidade. Estamos conseguindo receber uma bonificação extra sobre o preço da arroba por entregar produtos bem acabados”, diz Franciele.

Além de produzir gado para um mercado que paga mais, a ordem na Lageado é controle total de custos. Cada centavo faz diferença no negócio e garante maior lucratividade. “Hoje, temos controle de tudo. Não está no achismo. Uma das medidas adotadas foi melhorar o manejo do gado. Antes, por conta da pressa, não se pesava sempre o gado. Hoje, é pesado toda vez que entra e sai do curral. Também melhoramos a qualidade da ração, fazendo a matéria seca da dieta e do bagaço. Com o auxílio dos técnicos da DSM, fazemos a peneira da dieta para saber a quantidade de fibra efetiva”, informa.

Os investimentos em nutrição sempre foram feitos na Lageado, que é cliente da DSM desde a época em que era conduzida pelo senhor Armelindo. Até mesmo os cavalos da tropa de trabalho e os carneiros são tratados com os minerais Tortuga, bem como o rebanho leiteiro, que recebe o Bovigold como suplemento.

Para Franciele, o fato de o pai ser adepto a novas tecnologias e soluções, não só na parte nutricional, mas também em outras áreas, facilita a convivência entre as duas gerações, tornando a transição familiar mais harmônica e segura. “Aos poucos, estou conquistando espaço e mostrando a eles novas formas de gerenciar o negócio. É uma troca de experiências”, conclui. Segunda de quatro filhas, Franciele acredita que, futuramente, as irmãs também terão interesse em participar do negócio. A família pretende buscar ajuda profissional para fazer o planejamento sucessório da empresa, para que todos os envolvidos possam levar a Lageado com sucesso por muitas e muitas gerações. 



DSM E CEPEA LANÇAM APP INÉDITO PARA A GESTÃO DO CONFINAMENTO

O APLICATIVO MAIS ARROBA SIMULA OS CUSTOS DA OPERAÇÃO, PERMITE COMPARAR A EFICIÊNCIA DA PRODUÇÃO COM INDICADORES REFERENCIAIS E É A GRANDE NOVIDADE DA 6ª EDIÇÃO DO TOUR DSM DE CONFINAMENTO

Com o objetivo de ajudar os pecuaristas a fazerem as contas no momento da tomada de decisão pelo confinamento, a DSM apresenta ao mercado a sua mais recente inovação: o aplicativo Mais Arroba. Desenvolvida em conjunto com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – Cepea (ESALQ/USP), a ferramenta inédita permite fazer simulações reais do cenário atual e futuro, para que os criadores consigam visualizar a rentabilidade e melhorar a gestão da produção em sistemas de confinamento. A novidade foi anunciada no dia 16/9, durante o lançamento do Tour DSM de Confinamento 2019, na sede da empresa, em São Paulo/SP.

Com download gratuito para os sistemas Android e iOS, o Mais Arroba é uma ferramenta completa de simulação para todos os fatores zootécnicos e econômicos/financeiros que influenciam os resultados do confinamento. A partir de dados inseridos pelos produtores, é possível estimar pelo app os ganhos produtivos dos animais, os custos fixos e variáveis do confinamento (boi magro, dieta, sanidade etc.), a rentabilidade e a taxa de retorno mensal (em reais), entre outros fatores.

“O App faz a simulação de um confinamento, de acordo com os dados inseridos pelo pecuarista, para mostrar projeções financeiras futuras com base na realidade do mercado. Desde 2015, o Tour DSM de Confinamento fornece os dados econômicos e zootécnicos aos produtores e o desdobramento natural foi o desenvolvimento desse aplicativo”, contou Juliano Sabella Acedo, Diretor de Marketing da DSM, na abertura do evento.

Segundo Marcos Sampaio Baruselli, gerente de Categoria Confinamento da DSM, o Mais Arroba foi desenhado para atender a qualquer tamanho de propriedade e de produção. “Todos os pecuaristas podem se beneficiar, e não apenas os nossos clientes”, informa. Ele destaca, ainda, que a pecuária brasileira é bastante heterogênea pelas condições climáticas e pelos custos variáveis dos insumos, por isso, os confinadores enfrentam realidades muito diferentes para produzirem nas principais regiões de pecuária do País. Por esta razão, o aplicativo disponibiliza o preço da arroba e os custos médios com abrangência nacional e para as cinco

...

regiões do Brasil. E também traz os resultados de todas as 35 etapas das cinco edições do Tour DSM de Confinamento realizadas até esse ano, que avaliaram mais de 100 mil bovinos. “Com esses números de referência, o produtor consegue, inclusive, comparar os seus custos com a média nacional e verificar o seu nível de eficiência do ponto de vista de gestão do negócio”, afirma Baruselli.

“Nós colocamos um desafio para a DSM. A gente precisava dar um suporte para mostrar a rentabilidade do sistema em tempo real, no momento da decisão pelo confinamento. Daí surgiu o aplicativo”, conta Thiago Bernardino de Carvalho, pesquisador do Cepea. O Mais Arroba, explica, apresenta três dados essenciais aos pecuaristas, que são os preços reais e atualizados do boi magro, do boi gordo e da dieta. “Ele dá insights aos produtores através de informações fundamentais, como o valor de compra do boi magro, já que a reposição representa de 60% a 70% dos custos de produção; os preços por região; o Ganho Médio Diário (GMD) de todas as edições anteriores do Tour etc. O app mostra ao pecuarista a real conta, de forma simples. Baseado em dados, como o preço da arroba futura, o produtor pode optar por travar o preço com o frigorífico ou aguardar o valor no fim do confinamento”, define o pesquisador do Cepea.

“A gente vê muito pecuarista que quer confinar, mas fica em dúvida se vai dar dinheiro. E o aplicativo, que simula várias perspectivas e preços baseados em dados reais, é uma ferramenta de gestão para auxiliar o produtor a fazer as contas e tomar a decisão”, constata Juliano Sabella que, assim como Marcos Baruselli, vê um cenário otimista para o confinamento em 2019.

TOUR DSM DE CONFINAMENTO

A primeira etapa do Tour DSM de Confinamento 2019 foi realizada no dia 20 de setembro, em Ribas do Rio Pardo (MS). Para esse ano, a maratona de dias de campo prevê a avaliação de cerca de 23 mil animais em sete eventos, incluindo cinco etapas mais o lançamento e o encerramento, em quatro estados: São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Goiás.

O Tour foi criado com o objetivo de mostrar aos produtores rurais os resultados econômicos, mensurados de forma independente pelo Cepea, e zootécnicos de bovinos em

confinamento e semiconfinamento, tratados com Fosbovi® Confinamento com CRINA® e RumiStar™, que geram, em média, uma arroba a mais por bovino confinado. Em sua quinta edição, já avaliou mais de 100 mil animais, em 31 confinamentos e 4 semiconfinamentos. De 2015 a 2018, foram realizados 35 dias de campo, em 10 estados brasileiros, que reuniram um público de cerca de cinco mil pessoas, entre produtores rurais, consultores e pesquisadores.

Segundo o balanço apresentado por Marcos Baruselli, durante o lançamento da edição de 2019, com os resultados zootécnicos dos 31 confinamentos avaliados nas quatro primeiras edições do Tour (2015-2018), em cerca de 96 dias de confinamento, foram registradas as seguintes médias: Peso Vivo Inicial de 404 kg (13,48@); Peso Vivo Final de 566 kg (20,81@); Ganho de Peso Diário (GPD) de 1,69 kg; Rendimento de Carcaça de 55,14%; e um total de 7,36@ produzidas no período. “O Rendimento de Carcaça de 55,14% é muito significativo e interessante para os frigoríficos. E a produção de 7,36@ em 96 dias, quando a média anual brasileira do boi a pasto é de 3,5@ ao ano, representa uma produção bastante elevada”, analisa Baruselli.

“O confinamento ocorre na entressafra, na seca, quando acaba o boi de pasto. O confinamento é um tiro rápido, em cerca de 90 dias o produtor já tem ideia de quanto vai ganhar”, fala Baruselli sobre as vantagens econômicas do sistema. “Frigoríficos ávidos por mais qualidade, melhor acabamento e rendimento pagam de 5% a 10% a mais por carcaças melhores. E os animais confinados têm as melhores carcaças”, enfatiza.

No balanço econômico, o pesquisador Tiago Bernardino de Campos, do Cepea, mostrou que, na edição de 2018, o Tour registrou 2,52% de taxa de retorno média ao mês, fora os ganhos indiretos, como a antecipação de capital e a liberação de áreas nas fazendas. “Os números indicam que o confinamento é rentável, sendo que as taxas de retorno mensal financeiro, de 2015 a 2018, oscilaram de 1,76% a 3,40% de lucro líquido”, ressaltou.

Também participaram do evento de lançamento do Tour de Confinamento 2019 e do aplicativo Mais Arroba o vice-presidente Ruminantes Brasil da DSM, Ariel Maffi, e o diretor de Vendas Ruminantes Brasil, Túlio Ramalho, além de outros executivos da empresa.



PUBLICIDADE

Se tem Tortuga[®], tem produtividade e lucro.

Se tem Tortuga[®], tem uma linha completa de produtos para confinamento. Tem soluções que melhoram a eficiência alimentar do animal e que resultam em alto desempenho, maior ganho de peso e acabamento de carcaça. Tem as tecnologias CRINA[®] e RumiStar[™]. Tem produtividade e lucratividade.

Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.

www.tortuga.com.br | www.dsm.com/latam



Uma marca





NUTRIÇÃO A SERVIÇO DO MELHORAMENTO GENÉTICO

EM DIA DE CAMPO, A FAZENDA BAVIERA, DA EAO AGROPECUÁRIA, MOSTRA OS ÓTIMOS RESULTADOS OBTIDOS NOS ÚLTIMOS ANOS, FRUTOS DE UM FORTE TRABALHO DE SELEÇÃO PARA APRIMORAR OS REBANHOS DE TODO O PAÍS

Pedro Bittencourt Trindade

Assistente Técnico Comercial da DSM

Rosendo Machado Lopes

Supervisor Técnico Comercial da DSM

“O negócio tem que ser sustentável, tecnicado, humanizado e altamente competitivo”. Esse é o lema da EAO Agropecuária, sediada em Itagibá, no sul da Bahia, que optou por diversificar as suas atividades agrícolas, que envolvem a produção de eucalipto, madeiras nobres, silagem, cacau e

cachaça, além da criação de equinos, aves exóticas e animais silvestres, mas que tem como seu principal negócio a venda de genética de seus reprodutores e matrizes PO, que passam por um forte trabalho de seleção para melhorar os rebanhos em todo o País.



2º Dia de Campo da Fazenda Baviera, em Itagibá, na Bahia.

“Nos últimos anos, a pecuária se modernizou, deixou de ser apenas reserva de valor e passou a ser uma atividade produtiva”, fala Maurício Filho, diretor da Agropecuária EAO, inaugurada em 1994 com o objetivo de desenvolver o negócio agro com tecnologia, agregando valor ao produto e gerando riquezas e renda para a região. Com propriedades em Itagibá/BA e Uberaba/MG, o atual rebanho da fazenda é formado por animais das raças Red Brahman e Nelore.

Em julho, a EAO Agropecuária realizou seu tradicional Mega Evento, que se tornou o maior leilão de venda de genética do Brasil, com a comercialização de 750 Touros DECA 1, 250 Fêmeas DECA 1 e mais 2.000 bezerros de corte. Todos os animais vendidos são resultado de um trabalho de mais de 20 anos em seleção, com base em funcionalidade, rusticidade e raça, avaliados para condições fenotípicas – como conformação, musculosidade, precocidade, umbigo – e as fêmeas, desafiadas a prenhez aos 14 meses.

Também no mês de julho e antes do leilão, o grupo promoveu o 2º Dia de Campo da Fazenda Baviera, em Itagibá, na Bahia. O evento foi dividido em duas etapas. Na primeira, Maurício Filho, diretor da Agropecuária EAO, deu as boas-vindas aos participantes e mostrou a evolução do trabalho genético que vem sendo realizado no local. Em seguida, Luciano Morgan,

FOSBOVI® REPRODUÇÃO



Indicado para matrizes e touros para rebanhos que querem alcançar excelentes índices reprodutivos.

gerente de Categoria Corte da DSM, apresentou os resultados e as tecnologias nutricionais para a produção de bezerros. Para encerrar o Dia de Campo, Alcides Torres, da Scott Consultoria, palestrou sobre as tendências e o mercado do boi gordo.

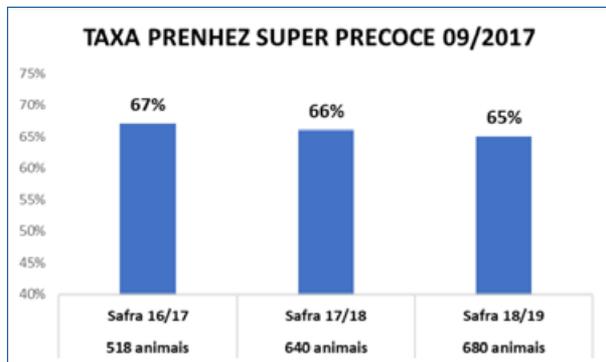
Na segunda etapa, os participantes visitaram as estações de produção da Fazenda Baviera, para conhecer, no campo, os animais e os resultados obtidos nos últimos anos pela propriedade, conforme exposto a seguir.

...

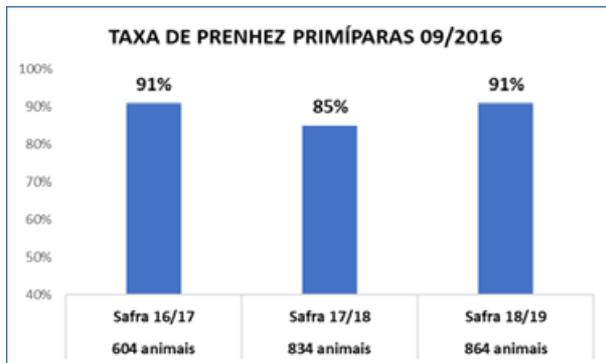


Na primeira estação, ficam as bezerras recém-apartadas da safra 18/19, que recebem suplementação no creep feeding de 5g para cada kg de peso vivo, registrando Ganho Médio Diário (GMD) de 847g no período, com custo alimentar de R\$ 18,93/@ nessa fase.

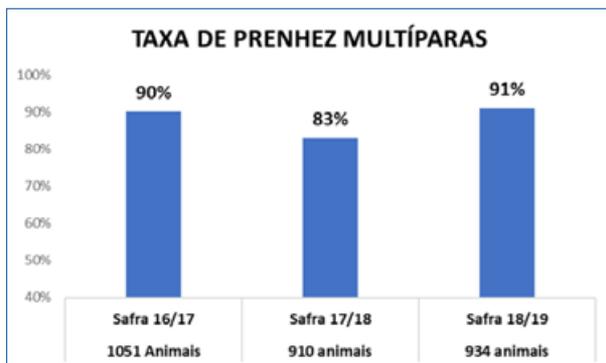
* Desembolso com suplemento total da fase/pelo ganho em @



A segunda estação é a de novilhas superprecoce, que, após a desmama, recebem suplementação de 2 a 3 g para cada kg de peso vivo até o início do serviço, com 13 meses, e GMD da desmama até o serviço de 647g, com custo de R\$ 172,00/prenhez.



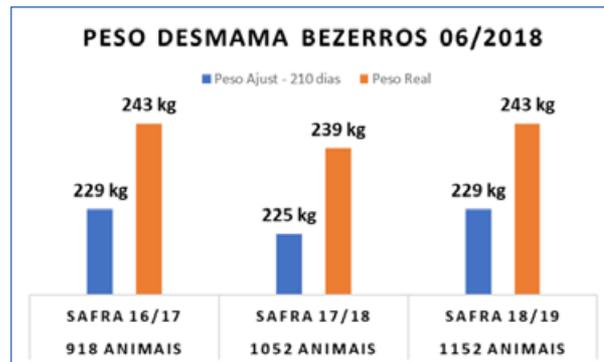
A terceira estação é a das primíparas, demonstrando a taxa de prenhez. Esses animais continuam a receber a suplementação mínima de 1 g por kg de peso vivo e possuem idade ao primeiro parto de 24 meses, com aproximadamente 410 kg (76% do peso adulto) e custo alimentar de R\$ 177,00/prenhez.



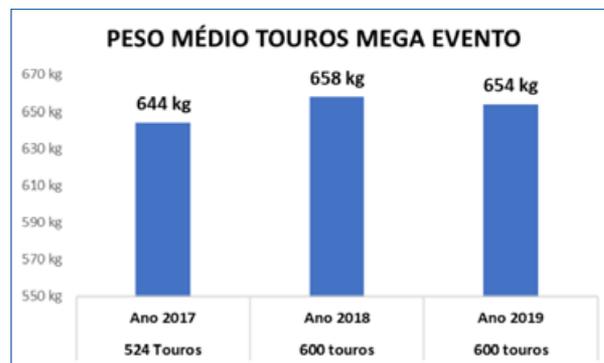
Na quarta estação, mostramos a taxa de prenhez das multíparas. Depois de confirmada a prenhez de segunda cria, essas vacas recebem suplemento de apenas 0,3 g por kg de peso vivo, com custo alimentar de R\$ 122,64/prenhez.



O negócio tem que ser sustentável, tecnificado, humanizado e altamente competitivo.



A quinta estação foi a mesma da primeira, porém, com bezerros machos que recebem a mesma suplementação das fêmeas no creep feeding, com 5g por kg de peso vivo, e tiveram GMD dessa fase de 947g e custo alimentar de R\$ 18,90/@. Depois da apartação, esses animais continuam com a mesma suplementação, mas com formulação diferente para ganho de peso em recria de 850 g, com custo de R\$ 59,36/@ nessa fase.



A última estação foi a demonstração de parte dos touros que seriam negociados no Mega Leilão. Na tabela, aparecem os pesos médios de cada safra, com idade média de chegada ao leilão de 22 meses. A dieta desses animais, nos últimos 90 dias pré-leilão, foi fechada em confinamento com custo alimentar de R\$ 134,43/@ e GMD de 1.350g.

E todos esses ótimos resultados são alcançados utilizando-se toda a tecnologia presente nos Minerais Tortuga. A fazenda trabalha com núcleos em todas as fases, e vem utilizando como principais produtos o Fosbovi Núcleo Boi Verde Reprodução e o Fosbovi Núcleo Boi Verde M.



PUBLICIDADE

Se tem Tortuga[®], tem rentabilidade.

Se tem Tortuga[®], tem produtos para todas as categorias de bovinos de corte. Tem soluções estratégicas para as fases de cria, recria, engorda e reprodução. Tem os Minerais Tortuga que potencializam os resultados e geram rentabilidade e lucro para o pecuarista.

Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.

www.tortuga.com.br | www.dsm.com/latam

TORTUGA[®] Uma marca  DSM



*Marcos Freitas, médico-veterinário
e proprietário da Cabanha Gema.*

EXCELÊNCIA RECONHECIDA NO JERSEY

ALIANDO A PRODUÇÃO DE GENÉTICA E DE LEITE, A CABANHA GEMA AMPLIOU, NOS ÚLTIMOS ANOS, OS INVESTIMENTOS NA PECUÁRIA, TORNANDO-SE REFERÊNCIA NA SELEÇÃO DE JERSEY NO RIO GRANDE DO SUL

Larissa Vieira

Desde 2014, a região Sul assumiu a liderança na produção de leite no País. Dos 33,5 bilhões de litros produzidos em 2017, 35,7% saíram de fazendas dessa parte do Brasil, conforme apontam dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Com seus 4.552 milhões de litros anuais (2017), o Rio Grande do Sul é o maior produtor da região e o segundo maior do País. O volume é quase o dobro do total produzido

em 2002. Para os especialistas, esse salto só ocorreu porque os produtores rurais gaúchos fizeram investimentos constantes em tecnologia e na organização da cadeia.

A Cabanha Gema, que atua tanto na produção de genética da raça Jersey quanto de leite, exemplifica bem o que aconteceu na pecuária leiteira gaúcha. Fincada em uma importante

bacia leiteira do estado, no município de Santa Rosa, noroeste do Rio Grande do Sul, a propriedade conseguiu aumentar em média 1.440 kg/leite por lactação encerrada aos 305 dias após adotar o sistema de compost barn. Antes da opção pelo compost barn, tipo de instalação para confinamento das vacas em lactação, a criação era a pasto, com o fornecimento de volumoso. O sistema, que antes era adotado apenas por grandes propriedades, vem ganhando força no Brasil desde 2011 e, hoje, é encontrado também em fazendas de porte menor.

No caso da Gema, a instalação foi construída para abrigar até 60 animais e, no momento, tem 42 fêmeas em lactação. O investimento vem sendo compensado não apenas pelo aumento da produtividade, mas também pela melhora da saúde do plantel e da qualidade do leite. “Desde que adotamos o compost barn, há três anos, reduzimos a contagem de células somáticas (CCS) de 540 para 330 CCS, além do aumento significativo da produtividade”, explica o médico-veterinário e proprietário da Cabanha Gema, Marcos Freitas.

Houve, ainda, reflexo significativo na sanidade do plantel. “Os casos de tristeza parasitária chegavam a 10 ou 12 por ano, mesmo tomando-se todas as medidas de prevenção e controle. Nos três anos de compost barn, foram apenas dois casos”, reforça o produtor.

A produção média do rebanho é de 25 litros/vaca/dia, perfazendo 30 mil litros mensais que são vendidos a um laticínio local. E, pela qualidade do leite alcançada na Cabanha Gema, a fazenda recebe uma bonificação da indústria. O atual sistema de manejo potencializa um dos diferenciais da raça Jersey, que é a produção de leite com maiores teores de proteína, sólidos, vitaminas e minerais. “A pecuária leiteira é um bom negócio e está cada vez mais profissional. As propriedades têm investido muito em tecnologias para intensificar a produção e a qualidade do leite, nivelando por cima o segmento. Quem não seguir este caminho, provavelmente não terá condições de continuar de forma competitiva no setor”, acredita Freitas.

Com a melhora na rentabilidade do negócio, o produtor gaúcho já projeta trabalhar com a capacidade máxima do compost barn no próximo ano, passando de 42 para 60 vacas em lactação. Para isso, aposta na dobradinha nutrição/genética. O planejamento nutricional do rebanho é feito pelo próprio criador, que utiliza produtos e soluções nutricionais da Tortuga, uma marca DSM, na formulação da ração e na

suplementação de cada categoria, de forma a atender as suas necessidades específicas.

No caso das vacas prenhes, uma dieta pré-parto é adotada durante as três semanas que antecedem a parição. No preparo do concentrado, é incluído o núcleo Bovigold Pré-Parto OVN, cuja função é ajudar a vaca a ter um parto seguro e livre de problemas metabólicos.

Após o parto, os animais recebem uma ração totalmente misturada, formulada com base em dois núcleos e preparada em uma fábrica local. O suplemento é utilizado na proporção de 4%. As vacas em lactação consomem 350g/cabeça/dia da mistura de núcleos, fornecidos em quatro tratos diários através da dieta total.

Já as terneiras e novilhas ficam no pasto, recebendo mineral à vontade no cocho. Bezerras, novilhas e vacas secas recebem suplementos da DSM específicos para cada categoria, também de forma livre no cocho. “Sem o fornecimento de um mineral adequado, não seria possível alcançar esses índices de produção na Gema”, explica Freitas.

O Supervisor Técnico Comercial da DSM, Frederico Trindade, acompanhou, no último ano, essa evolução da fazenda, que vem se tornando cada vez mais eficiente e competitiva. Segundo ele, essa é uma tendência nas principais bacias leiteiras do País, e no Rio Grande do Sul não é diferente. “Está havendo uma especialização muito grande da pecuária leiteira e uma concentração maior desta atividade em propriedades com maiores rebanhos e produção leiteira. Esse aumento da escala de produção resulta em propriedades mais competitivas, pois dilui custo de produção, e sabemos que o volume de leite comercializado também tem importância para a formação de preço de leite pago ao produtor”, esclarece Trindade.

No caso do Rio Grande do Sul, a produção leiteira concentra-se basicamente na parte norte do estado, com a presença maior de pequenas fazendas, a chamada agricultura familiar. Em geral, os próprios produtores conduzem as atividades operacionais nas propriedades. “Por ser também uma região agrícola de produção de grãos, a parte nutricional dos rebanhos leiteiros acaba sendo beneficiada. Há uma excelente produção de alimentos volumosos, como pastagens, gramas e alimentos conservados como silagens, fenos e pré-secados”, explica o Supervisor da DSM.



58 ANOS DE SELEÇÃO GENÉTICA

A Cabanha Gema é uma propriedade familiar, conduzida por Marcos Freitas e a esposa Ângela Maraschin, que também é médica-veterinária. Em 2001, os dois assumiram a responsabilidade de continuar a seleção de Jersey PO (Puro de Origem) iniciada, em 1961, pelo pai de Ângela, o criador Gerzy Ernesto Maraschin. Graças ao trabalho de melhoramento genético conduzido por décadas pelo fundador, o casal conseguiu ter uma boa base genética de Jersey para dar continuidade ao negócio e alcançar o reconhecimento do mercado.

A Gema detém uma das vacas de melhor classificação linear do País. Gema ISCA Doutrina Valentino FIV EX 95 recebeu a classificação de Excelente 95 (EX 95) da Associação de Criadores de Gado Jersey do Rio Grande do Sul. “Só existem duas vacas EX 95 no Brasil até o momento e uma delas é de nosso criatório”, anima-se Freitas.

ISCA vive o apogeu de sua qualidade genética e ganhou títulos em praticamente todas as exposições de que participou recentemente. Um deles foi o bicampeonato na Expoiner, conquistado na edição de 2019. E ela será preparada para alcançar, em 2020, o tricampeonato da Expoiner, um feito inédito dentro da raça. No ano passado, ISCA foi eleita a segunda melhor vaca do Circuito Nacional de Jersey. Ela também vem mostrando alto desempenho produtivo: a última lactação encerrada fechou com 10.059 kg.

ISCA vem de um pedigree consagrado. A mãe, Gema DOUTRINA Qmo Chairman EX 91, é Excelente 91. Aos 11 anos, está prenha novamente. Este será o nono parto. No plantel da Gema, existem 40 animais com classificação pela Associação de Jersey do RS, sendo 35 acima de 85 pontos e sete Excelentes. “Essa é uma conquista que agregou muito valor ao nosso rebanho e nos deu projeção nacional, refletindo no aumento significativo do preço dos animais e na maior procura pela genética da Gema”, conta o produtor.

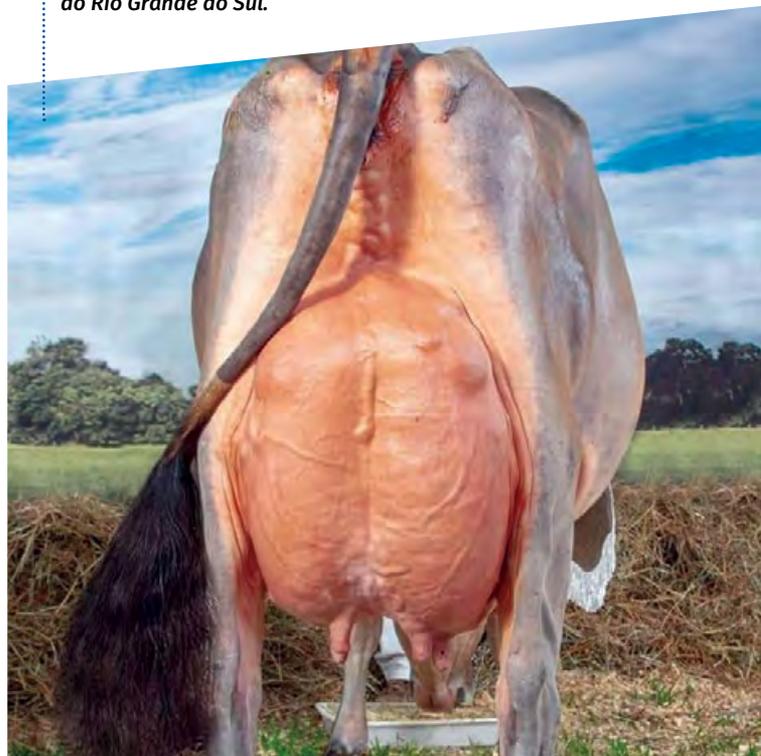
Para atender à demanda, a propriedade passou a aspirar as sete vacas Excelentes, como ISCA e a mãe DOUTRINA, para produzir embriões e comercializá-los inclusive para outros estados. Nos acasalamentos, aliam animais de boa produção e tipo (úbere, pernas e outras características). Segundo Freitas, o trabalho com o gado PO é focado na



consistência de seleção para obter um Jersey funcional. Touros genômicos só são utilizados no processo se o reprodutor vier de uma família consistente da genética americana ou canadense, com vacas consagradas.

Empolgado com as conquistas na raça, Freitas pretende continuar investindo na pecuária leiteira, fazendo da dobradinha genética/ produção um negócio sempre rentável. 

Gema ISCA Doutrina Valentino FIV EX 95 recebeu a classificação de Excelente 95 (EX 95) da ACGJersey do Rio Grande do Sul.



Se tem Tortuga[®], tem eficiência na atividade leiteira.



PUBLICIDADE

Se tem Tortuga[®], tem uma linha para todas as categorias de bovinos de leite, da cria e recria, passando pelos períodos pré-parto, pós-parto e produção de leite. Tem soluções que proporcionam aumento do desempenho reprodutivo e eficiência na atividade leiteira.

Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.



NUTRIÇÃO: O SEGREDO DOS CÂMPEÕES

SUCESSO NO FREIO DE OURO, O CAVALO CRIOULO GUITARREIRO FORTACHO JÁ ESTÁ SE PREPARANDO PARA OS PRÓXIMOS DESAFIOS



**O campeão
Guitarreiro Fortacho.**

Com quase sete anos de idade, Guitarreiro Fortacho vem encantando a todos nas provas que participa, conquistando vários prêmios importantes. O último deles foi recebido durante a Expointer, realizada entre 24 de agosto e 1º de setembro no município de Esteio, no Rio Grande do Sul. Após ficar em primeiro lugar na classificatória ao Freio de Ouro na cidade de Araranguá/SC, o cavalo disputou a final e obteve o 8º lugar na classificação geral da competição, que é a principal prova da raça crioula no País, considerada uma importante ferramenta de seleção.

Também em Esteio, em 2016, o jovem animal foi um dos finalistas em Morfologia da Expointer. E coleciona prêmios

recebidos em diversas feiras e exposições, como o segundo lugar Cavalo Menor - Morfologia Passaporte, em Lages/SC (2016), e o primeiro lugar Cavalo Menor nas Exposições Morfológicas das cidades catarinenses de Tubarão e de Araranguá (2017).

De pelagem Tordilha, Guitarreiro Fortacho é um autêntico representante da raça, caracterizada pela silhueta harmônica e pelo equilíbrio perfeito. O cavalo crioulo é conhecido não só pela beleza e pelo temperamento dócil, mas também por sua rusticidade, adaptabilidade e resistência.

“Para chegar às finais de competições desse nível, as exigências são enormes. É preciso muito preparo físico dos cavalos e treinamento intenso para atingir a performance adequada. Para isso, a alimentação balanceada é fundamental, para suprir as necessidades do animal e garantir um bom rendimento”, conta Franqui Pereira da Silva que, em conjunto com Diego dos Santos Costa, é proprietário da Cabanha Dacosta (Santa Rosa do Sul/SC) e um dos donos do Guitarreiro Fortacho, ao lado do criador Tiago Schiling D’Avila (Cabanha Fortacho – Bagé/RS) e Antônio Andriago da Silva Winck (Cabanha Winck – São João do Sul/SC).

PREPARANDO UM CAMPEÃO

Franqui credita o bom desempenho de seu cavalo a fatores como a excelente genética funcional aliada à nutrição adequada. “Sua dieta tem como base a ração Dom Joaquim Equilibrium, produzida pela Coperja (Cooperativa Agropecuária de Jacinto Machado) com os Minerais Tortuga, e o KROMIUM®, suplemento mineral de alta biodisponibilidade da DSM, detentora da marca Tortuga, que é oferecido à vontade”, conta ele, que também é sócio da Dacosta, representante comercial dos produtos da empresa em Santa Rosa do Sul. Com o objetivo de atender às exigências de minerais dos equinos, asininos e muas, o KROMIUM® proporciona ao animal melhor vigor físico, bom aspecto corporal e excelente fertilidade. Dentre os benefícios, o produto melhora as funções físicas e imunológicas, garante maior agilidade na recuperação após esforços físicos intensos e reduz o surgimento de problemas ortopédicos (sobre ossos em potros), além de melhorar a fertilidade de garanhões e éguas e diminuir o estresse ao deixar os animais mais calmos e tolerantes. E se encaixa como uma luva na preparação do campeão Guitarreiro Fortacho. ...

A Linha KROMIUM® é formada ainda pelo KROMIUM® PROTEICO, único suplemento do mercado composto por minerais em forma orgânica e proteica de origem vegetal, indicado para animais em regime de pasto que não recebem ração concentrada diariamente; e o COEQUI PLUS, suplemento mineral de equinos para os desequilíbrios existentes, proporcionando maior vigor físico e fertilidade. Seu uso contínuo gera resultados positivos no que diz respeito à produtividade na criação e maior rendimento no trabalho e nas práticas esportivas.

Atualmente, Guitarreiro Fortacho está no Centro de Treinamento Três Pontas, em São João do Sul/SC, que pertence ao gínete Fagner Crescêncio, conhecido como “Fagão”. Preparação intensa para as próximas competições que virão. Planos para o futuro? “Ele já está em treinamento para o Freio de Ouro 2020”, responde Franqui Pereira da Silva, sem hesitar.



PRINCIPAIS TÍTULOS DO GUITARREIRO FORTACHO

PROVA	CLASSIFICATÓRIA	PRÊMIO	CICLO
ARARANGUÁ	CLASSIFICATÓRIA REGIONAL	1º LUGAR	2019
ESTEIO	FINAL FREIO DE OURO	8º LUGAR	2019
LAGES	CRENCIADORA ABERTA	2º LUGAR	2019
CACHOEIRA DO SUL	CRENCIADORA MISTA	5º LUGAR	2019
ARARANGUÁ	CRENCIADORA DE INÉDITOS	- MACHO	2019
TUBARÃO	EXPOSIÇÃO MORFOLÓGICA	3º MELHOR CATEGORIA - CAVALO MENOR	2017
ARARANGUÁ	EXPOSIÇÃO MORFOLÓGICA	RES. GRANDE CAMPEÃO	2017
ARARANGUÁ	EXPOSIÇÃO MORFOLÓGICA	2º PRÊMIO - CAVALO MENOR	2017
ARARANGUÁ	EXPOSIÇÃO MORFOLÓGICA	RES. CAMPEÃO CATEGORIA - CAVALO MENOR	2017
TUBARÃO	EXPOSIÇÃO MORFOLÓGICA	1º PRÊMIO - CAVALO MENOR	2017
LAGES	MORFOLOGIA PASSAPORTE	2º PRÊMIO - CAVALO MENOR	2016
LAGES	MORFOLOGIA PASSAPORTE	4º MELHOR MACHO - CAVALO MENOR	2016
ITU	MORFOLOGIA PASSAPORTE	6º PRÊMIO - CAVALO MENOR	2016
ESTEIO	MORFOLOGIA EXPOINTER	4º PRÊMIO - CAVALO MENOR	2016
BAGÉ	MORFOLOGIA PASSAPORTE	4º PRÊMIO - POTRANCO MENOR	2015



Se tem Tortuga[®], tem paixão e performance.

PUBLICIDADE

Se tem Tortuga[®], tem animais saudáveis e prontos para o trabalho.
Tem Minerais Tortuga que auxiliam na prevenção de doenças e promovem a recuperação rápida do animal após a atividade física.
Tem melhora da performance. Tem paixão pela criação.
Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.



AQUI
TEM
PRODUTOS



Grande evolução e crescimento da presença da marca Tortuga nas principais vendas e cooperativas do agronegócio no País.

FORÇA TOTAL NO VAREJO AGROPECUÁRIO

Rafael Andrade

Gerente de Marketing - Revendas e Cooperativas da DSM

Com 65 anos de história, os tradicionais produtos Tortuga, uma marca DSM, costumavam ser vendidos

apenas por um canal: de forma direta pela equipe de vendas da empresa, que ia até a propriedade dos clientes para

apresentar o seu portfólio. Com o crescimento exponencial do varejo agro, o setor passou a requerer atenção ainda mais especial e a comercialização em outras modalidades, que atendam às suas necessidades nas mais diferentes ocasiões. Por esta razão, atualmente, trabalhamos com três modos de acesso aos nossos produtos: as tradicionais vendas diretamente ao produtor; via fábricas de ração; e em revendas e cooperativas. Todas as modalidades com o mesmo atendimento customizado e a assistência técnica que já fazem parte da tradição da empresa.

Neste artigo, dentre os três modelos de negócio, vamos destacar o segmento de revendas e cooperativas. No início deste ano, a DSM tomou a iniciativa de criar uma unidade de negócio para atuar no varejo e, desde então, temos observado grande evolução e crescimento da presença da marca nas principais revendas e cooperativas do agronegócio no País.

Até o momento, registramos o crescimento de 20% na presença dos nossos produtos em pontos de venda, um importante aumento em capilaridade. Toda a nossa equipe de campo tem trabalhado com muito afinco, treinando os consultores de negócios varejistas com atuação no campo e no balcão. E implementando uma exposição padronizada dos nossos produtos, com o intuito de facilitar sua identificação pelos produtores que frequentam o varejo agro por todo o Brasil.

Em paralelo, temos trabalhado em parceria com revendas e cooperativas, criando diversas ações para falar com o público mais importante para nós: os produtores. Vale lembrar que a parceria da DSM com o varejo nada mais é do que uma forma de facilitar o acesso aos produtos Tortuga para todos os produtores, independentemente de serem grandes, médios, pequenos ou micro.

O melhor de toda essa história é que estamos apenas no começo. Nosso propósito é compreender cada vez mais os diferentes modos de produção, os diversos perfis dos produtores brasileiros e trabalhar junto aos nossos parceiros varejistas a forma adequada de fazer com que os produtos Tortuga, uma marca DSM, entreguem a produtividade e a alta qualidade para todo e qualquer tipo de produção e/ou quantidade de animais. 



Aydison Nogueira, supervisor técnico comercial da DSM (à esquerda) e Orlando Melo, representante comercial (à direita).

Equipe da DSM tem trabalhado com muito afinco, treinando os consultores de negócios varejistas com atuação no campo e no balcão. Leandro Martins, supervisor técnico comercial da DSM, registrou a self.





NOSSA GENTE

PAIXÃO DE INFÂNCIA COM TECNOLOGIA

**À FRENTE DA GERÊNCIA TÉCNICA
NACIONAL DE LEITE BRASIL,
MARCELO MACHADO CUMPRE A
MISSÃO DE LEVAR TECNOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO AO CAMPO,
ALIADOS AO SEU AMOR PELA
PECUÁRIA LEITEIRA**

Mylene Abud



Solidez técnica, honestidade, dedicação ao cliente e resiliência. Esses são os principais valores destacados por Marcelo Machado, Gerente Técnico Nacional de Gado de Leite da DSM, para o dia a dia de seu trabalho.

A escolha da carreira surgiu naturalmente em sua vida. Técnico em Zootecnia pela Escola Agrícola de Barbacena, que passou a se chamar IFET – Instituto Federal de Ensino Tecnológico, e Zootecnista com Mestrado em Nutrição e Produção de Ruminantes na Universidade Federal de Viçosa, Marcelo sempre teve afinidade com a pecuária leiteira. “Gosto de lidar com o campo, com os produtores e fui criado perto de vacas de leite”, explica.

Sua trajetória profissional na DSM, detentora da marca Tortuga, começou em 2014, como Assistente Técnico Comercial (ATC) das regiões do Alto Paranaíba e Triângulo, em Minas Gerais, seu estado natal e o maior produtor nacional de leite do País. “Há um ano e meio, eu me tornei Gerente Técnico Regional Sudeste de Leite e, há um ano, fui promovido a Gerente Técnico Nacional de Leite Brasil”, conta.

Marcelo Machado lidera uma equipe de 16 técnicos, espalhados por oito estados nas principais bacias leiteiras, envolvidos diretamente com a nutrição e demais orientações que têm como objetivo elevar a rentabilidade dos produtores. “Nossos ATCs visitam cerca de 200 mil vacas diariamente. No total, atendemos a aproximadamente 1,5 milhões de vacas, que produzem em torno de 3,5 bilhões de litros de leite ao ano”, destaca.

Para estar sempre perto do seu time, ele viaja pelo País para cuidar do desenvolvimento e da padronização da equipe, e pelo mundo, em busca de novas tecnologias e ferramentas que possam contribuir para a criação, junto com a equipe de Marketing, de produtos e estratégias para o mercado de leite no Brasil.

“O foco da DSM é atender às necessidades dos clientes, oferecendo soluções de alta tecnologia com o suporte dos nossos técnicos altamente qualificados. Nossa equipe de vendas atua de duas formas: ouvindo e visitando os clientes, para entender os desafios para o futuro e desenvolver soluções para as suas necessidades. Como grande inovadora

“
Sou muito feliz por estar na líder de mercado do Brasil em nutrição animal. O que me motiva é conhecer vários sistemas de produção, culturas diferentes e poder levar desenvolvimento ao campo, o que, sem dúvida, é feito na sua totalidade pela iniciativa privada no Brasil.

”

do mercado nutricional e líder, a DSM tem essa pesada responsabilidade e, também, a função de democratizar estratégias e produtos, que ajudam a vida dos produtores, trazendo mais rentabilidade todo dia”, informa.

Para ele, trabalhar na DSM é motivo de alegria. “Sou muito feliz por estar na líder de mercado do Brasil em nutrição animal. O que me motiva é conhecer vários sistemas de produção, culturas diferentes e poder levar desenvolvimento ao campo, o que, sem dúvida, é feito na sua totalidade pela iniciativa privada no Brasil”, finaliza.

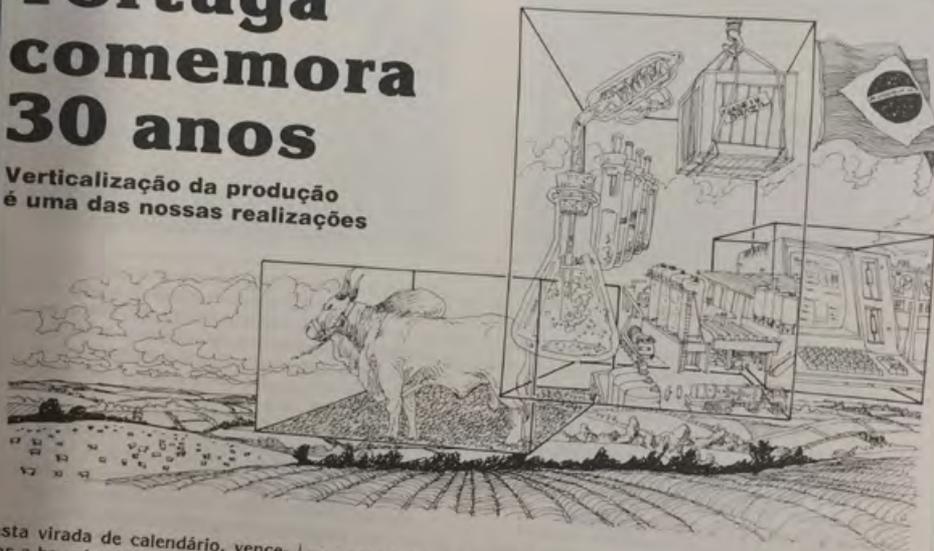
**VERTICALIZAÇÃO DA
PRODUÇÃO FOI UMA DE
NOSSAS REALIZAÇÕES.
ISSO QUER DIZER QUE
INVESTIMENTOS EM
TECNOLOGIA JÁ ESTAVAM
EM NOSSA FILOSOFIA
DE TRABALHO
HÁ MUITO TEMPO.**

NOTICIÁRIO TORTUGA

ANO 30 — Nº 334 — JANEIRO/FEVEREIRO — 1984

Tortuga comemora 30 anos

Verticalização da produção
é uma das nossas realizações



Nesta virada de calendário, vencemos a barreira dos trinta anos. Como o Brasil, somos ainda uma empresa jovem, mas com muitas realizações e cheia de novas idéias na cabeça. Temos orgulho de sermos uma organização formada por capital exclusivamente brasileiro. Nortea nossa filosofia de trabalho a verticalização de nossa produção, mediante o domínio completo da tecnologia industrial, e o desenvolvimento de produtos adaptados às condições brasileiras.

Se hoje o Brasil livrou-se da dependência estrangeira de matérias-primas essenciais, como é o caso do ortofosfato bicálcico, tetramisol, albendazole e outras de uso huma-

no e veterinário, a Tortuga é co-responsável por essa vitória, ao proceder a verticalização da produção. Num quadro típico de economia recessiva, investiu num parque industrial, evitou a evasão de muitas divisas para o exterior e comanda atualmente a autosuficiência nacional dessas substâncias.

A família, cuja célula mater é a Tortuga Companhia Zootécnica Agrária, multiplicou-se. Ela está composta por um grupo de sete empresas, presentes em todas as regiões brasileiras, fabricando em modernos laboratórios as mais diversas espécies de medicamentos, pesquisando fatos inibidores do nosso progresso pastoril e prestando as-

sistência técnica a dezenas de milhares de clientes, muitos deles fiéis desde nossa fundação, em 1954. Dentro de um planejamento estratégico, o Grupo Tortuga entrou na era da informática, diversificou seus investimentos, modernizou seus canais de comunicação e conseguiu entrar no fechado clube das empresas exportadoras. Este é um rápido perfil de uma organização que não pode parar de crescer, como o Brasil. Ser otimista na situação que nos encontramos pode soar como exacerbação de nacionalismo, mas vislumbramos para o país um futuro de grande potência. Afinal, as utopias nada mais são do que verdades prematuras.



CIÊNCIA E TÉCNICA A SERVIÇO DA PRODUÇÃO ANIMAL





Se tem Tortuga[®], tem profissionais.

PUBLICIDADE

Se tem Tortuga[®], tem uma equipe completa formada por veterinários, zootecnistas, engenheiros agrônomos e técnicos. Profissionais preparados para atender a pecuária e o pecuarista brasileiro.

Tortuga[®], uma marca DSM. Se tem Tortuga[®], tem futuro.